

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES PÚBLICAS, PROPAGANDA E TURISMO

GUILHERME CHAVES

A identidade visual das festas independentes:
uma análise da criação de sentido por meio de linguagens desviantes.

SÃO PAULO
2022

GUILHERME CHAVES

A identidade visual das festas independentes:
uma análise da criação de sentido por meio de linguagens desviantes.

Trabalho de conclusão de curso apresentado
ao Departamento de Relações Públicas,
Propaganda e Turismo para obtenção do título
de graduado em Comunicação Social -
Publicidade e Propaganda.

Orientação: Prof. Dr. Bruno Pompeu

SÃO PAULO

2022

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados inseridos pelo(a) autor(a)

Chaves, Guilherme da Silva Mamédio

A identidade visual das festas independentes: uma análise dos mecanismos para criação de sentido por meio de linguagens desviantes / Guilherme da Silva Mamédio Chaves; orientador, Bruno Pompeu. - São Paulo, 2022. 70 p.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Departamento de Comunicações e Artes / Escola de
Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo.
Bibliografia

1. RETOMADA SOBRE CONSUMO. 2. FESTAS INDEPENDENTES
COMO LUTAS IDENTITÁRIAS. 3. ANÁLISE DE INSPIRAÇÃO
SEMIÓTICA DAS FESTAS INDEPENDENTES. I. Pompeu, Bruno .
II. Título.

302.2

CDD 21.ed. -

Nome: CHAVES, Guilherme Mamedio.

Título: A identidade visual das festas independentes: uma análise dos mecanismos para criação de sentido por meio de linguagens desviantes.

Aprovado em: 06 / 12 / 2022

Banca:

Clotilde Perez (avaliadora)

Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP)

Bruno Pompeu Marques Filho (orientador)

Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP)

Rafael Orlandini (avaliador)

Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP)

*Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor. - **Paulo Freire***

AGRADECIMENTOS

Um agradecimento especial a educação pública de qualidade e às instituições que sempre farão parte da minha vida; Cursinho Popular FEA USP que possibilitou meu ingresso na Universidade, à USP, que me abriu os olhos e mente, ao coletivo preto Opá Negra, que me situou no mundo, ao CALC - Entidade representativa dos estudantes da ECA USP - que aguçou meu senso político na minha breve participação e a PLURIE BR que me motiva a cada dia.

À minha Mamuskha, uma diarista e cozinheira porreta que é o meu espelho na busca de uma vida melhor, às minhas irmãs que são a minha base e motivação e ao meu pai que sempre fez o corre dirigindo peruas quebradas e lotadas de alunos para que meus sonhos se tornassem realidade. Também nessa longa jornada agradeço à Cris, Bolotas Verdes e Zoinho, que foram minhas motivações para adentrar o ensino público e cursinho popular, e estão comigo há mais de 14 anos, sempre lado a lado.

Ao grupo do meu ano de ingresso "Calling All The Manas" que me ensinou como é possível criar laços verdadeiros, amo cada uma de vocês. O próximo em especial vai Fonsa, que sempre esteve comigo nas aulas e apoiou minha mobilidade internacional, ao Dani e à Larica que com olhares sagazes trouxeram questionamentos e alegria aos meus dias ecanos. Aos meus bixos, Blendoca e Nat Pocahontas que foram meu suporte em diversos momentos e, por fim, a minha veterana favorita que está comigo até hoje topando minhas palhaçadas, GijoBijo, essa é pra você.

Para as gatas do mundo que tem lugar especial no meu coração: Roma, meu fechamento certo, Marcelo Marcelino, Zebah não sei nem o que falar, Esmã e Tio Nivam que toparam participar de umas ideias bem *undergrounds* que eu tive. À Marisol e Calli que foram de longe meu maior suporte emocional durante intercâmbio, somos imigrantes e o globo é nosso. E com muito carinho e admiração aos professores Bru Pompeu pela paciência e compaixão - sempre serei muito grato a você pela sua

contribuição icônica e inquestionável durante minha jornada estudantil ao Eneus, os dois me inspiram e potencializam o ensino mundo afora.

*"São Paulo, a maior cidade da América Latina, também conhecida como Selva de Pedra. É uma bagunça de urbanidade onde seus cidadãos estão lutando para retomar o que é deles." - **Espaço Público.***

RESUMO

CHAVES, G. . M. **A identidade visual das festas independentes:** uma análise da criação de sentido por meio de linguagens desviantes. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (bacharelado em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda) – Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

As movimentações das festas independentes têm constituído um caráter político, que engloba a luta social dos espaços e reivindica através dos signos uma contribuição identitária e ocupacional para a sociedade no plano contemporâneo. Disso, esta monografia contribui para a discussão acerca dos desdobramentos e percepções do consumo e suas articulações. Aqui, faz-se uma revisão bibliográfica com origem no consumo histórico tradicional até o surgimento das tendências empregadas dentro dessa dinâmica das festas independentes e suas representações. A partir de uma base metodológica, realizam-se análises semióticas das organizações, a fim de compreender como a publicidade integra o processo de construção dos sentidos.

Palavras-chave: festas, luta, socialização, reivindicação e direitos.

ABSTRACT

The articulations of independent parties have contributed to a political characteristic that contemplates a social struggle and is reinforced by using the signs of our participation in a society aiming at the actual media plan. Given this, the paper contributes to a discussion in which we have been living, furthermore, we argue the perceptions and discuss the consumption using the advertisement. Within this analysis, we make a bibliographical review starting with the old consumption until the actual way of participating in this implementation.

Keywords: independent-parties, advertisement, consumption, political-struggle.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

FIGURA 01 - MATÉRIA O PARA SPOTIFY.....	20
FIGURA 02 - CELULARES E FESTAS INDEPENDENTES.....	21
FIGURA 03 - FESTA MAMBA NEGRA.....	23
FIGURA 04 - MEGA ROLEZINHO NO SHOPPING ITAQUERA.....	25
FIGURA 05 - CARNAVAL DE ENTRUDO PORTUGUÊS.....	33
FIGURA 06 - MOVIMENTO PASSE LIVRE.....	36
FIGURA 07 - FESTA MAMBA NEGRA.....	42
FIGURA 08 - EVENTO DE COMEMORAÇÃO FESTA MAMBA NEGRA 08 ANOS.....	43
FIGURA 09 - EVENTO DE COMEMORAÇÃO FESTA MAMBA NEGRA 08 ANOS.....	44
FIGURA 10 - POSTAGEM DIVULGAÇÃO DAS ATRAÇÕES DO EVENTO.....	45
FIGURA 11 - TRIO ELÉTRICO BATEKOO.....	47
FIGURA 12 - DIVULGAÇÃO BATEKOO RJ.....	50
FIGURA 13 - DIVULGAÇÃO BATEKOO SANTOS.....	50
FIGURA 14 - POSTAGEM FESTA BATEKOO SSA.....	53
FIGURA 15 - POSTAGEM FESTA BATEKOO SSA.....	54
FIGURA 16 – EDIFÍCIO RUA 07 DE ABRIL.....	56
FIGURA 17 - FESTA CARLOS CAPSLOOCK.....	57
FIGURA 18 - FESTA NO MINHOCÃO, SÃO PAULO.....	58
FIGURA 19 - BURACO DA MINHOCA EM SÃO PAULO.....	60
FIGURA 20 - FESTA CARLOS CAPSLOCK NO CINE MARROCOS.....	61

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	12
2. RETOMADA SOBRE CONSUMO.....	14
2.1.O QUE É CONSUMO.....	14
2.2 A HISTÓRIA DO CONSUMO.....	16
2.3 O CONSUMO MODERNO DOS EVENTOS.....	18
2.4 A ESTÉTICA MERCADOLÓGICA DAS FESTAS.....	23
3. FESTAS INDEPENDENTES COMO LUTAS IDENTITÁRIAS.....	27
3.1 IDENTIDADE.....	28
3.2 MOVIMENTOS ASSOCIADOS À FESTAS INDEPENDENTES.....	30
3.3 CARNAVAL COMO MOVIMENTO POLÍTICO.....	32
3.4 A INFLUÊNCIA DO MOVIMENTO PASSE LIVRE 2013.....	35
4. ANÁLISE DE INSPIRAÇÃO SEMIÓTICA DAS FESTAS INDEPENDENTES.....	38
4.1 ESCOLHA DA BASE METODOLÓGICA.....	38
4.2 ESCOLHA DO CORPUS DA ANÁLISE.....	40
4.2 FESTA MAMBA NEGRA.....	40
4.3 FESTA BATEKOO.....	46
4.4 FESTA CARLOS CAPSLOOCK.....	55
5.CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	63
6.REFERÊNCIAS.....	67

1.INTRODUÇÃO

A comunicação de eventos se articula através de mecanismos procedentes da publicidade para maximizar sua promoção, tal qual a divulgação tradicional dos produtos mais comuns - como sabonetes, alimentos e etc. Um novo traço é adicionado à articulação anterior, hoje ela é reproduzida em novos formatos, como nos podcasts, que remontam às rádios, ou como nos vlogs, que reproduzem suas vinhetas e cortes como inspiração no formato televisivo popular. Acaba-se por reativar as estéticas dos métodos popularizados por determinados meios de comunicação ou até mesmo reproduzir referências de outros canais de comunicação tradicionais.

Este projeto analisa as festas independentes posicionadas na construção de linguagens estéticas, passando pelo diálogo com o público-alvo e a sociedade, que indiretamente também participa dessas articulações. Ao adentrar a formação da identidade do circuito de festas independentes - que integram um movimento cultural e ocupante muito ligado à tradição de festas de rua por terem um cunho ativista - afirmam-se lugares de pertencimento e existência, ainda que sejam empregadas técnicas de divulgação mercadológicas para ampliar seus serviços e produtos. Nelas a utilização da publicidade é empregada para efetivar a conexão com as identidades, mas também para articular movimentos afirmativos frente à população tradicional brasileira.

Enquanto linguagem visual do movimento independente, investiga-se as suas construções enquanto marcas, as percepções dos frequentadores e da sociedade. Como discorre Maingueneau (2002, p.41-42), as competências visuais são consideradas instâncias necessárias para elucidação dos enunciados que nem sempre reproduzem o mesmo sentido em todos os indivíduos, disso temos que os percepções são categorizados pelas vivências dos indivíduos enquanto o caráter mundano - nos oferecendo uma base para o tratamento de palavras que faz referência a algum campo de valor, e isso também se traduz na estética das peças aqui analisadas, muitas vezes limitando ou expandindo as ideias dessas promoções.

Para as competências genéricas, são classificadas pelo mesmo autor os comportamentos interpretativos sobre as enunciações, eles nos proporcionam

aberturas compreensivas para tomadas de ações e atitudes Maingueneau (2002). A conjunção de ambos, é direcionada pela busca do entendimento geral das conjunturas sociais, provenientes do intenso movimento de assimilação discursiva competente a uma ordem inconsciente e comum para todos - nesse momento o que é tido como padronizado e regra choca-se com a linguagem inclusiva e afirmativa dessas festas desviantes. As concepções do autor sustentam a partida analítica lançada no desenvolvimento analítico, em seguida, embarcaremos na noção de transgressão pela análise semiótica das artes.

2. RETOMADA SOBRE O ENTENDIMENTO DE CONSUMO.

O papel da mídia e da publicidade como parte estrutural e produtiva dos negócios de mercado, mostra como os meios e canais articulados pelas cerimônias independentes, muitas vezes exercem funções paradoxais, por utilizarem-se de técnicas que estão externos a elas para cooperar na sua comunicação, construindo significados através do consumo. Mas anterior ao que se possa depreender em relação à sociedade de consumo e ao desejo latente de classificar as estruturas vigentes ou perpassadas, é preciso compreender o histórico da sociedade de consumo.

2.1 O QUE É CONSUMO

Ao iniciar a pesquisa para entendimento sobre o mercado e a aparição do que hoje chamamos de marca, evidenciaremos eventos que direcionam a sua formação, um deles foi a função burocrática e legal que originou o advento das dessas marcas na expansão dos comércios no período feudalistas (PEREZ, 2004, p. 111).

Segundo a autora as marcas modernas dão os primeiros sinais após a segunda metade do século XVIII, com o advento da Revolução Industrial, lá surgiram as primeiras técnicas de promoção que ultrapassam a função de identificar os fabricantes dos produtos. Nos Estados Unidos as indústrias participantes deste estágio da promoção são cronologicamente: a de remédios populares, por conta do encerramento da Guerra Civil, a de bebidas e do mercado alimentício. Nesse momento nota-se algo similar ao que nos deparamos nos dias modernos, "as marcas acabam por se desencarnar dos produtos que lhe deram origem, passando a significar algo muito além deles próprios" PEREZ, (2004, p. 111).

A referir-se ao nosso objeto de estudo, fica nítido a necessidade em fazer-se presente em diferentes momentos das vivências do frequentador para possibilitar tal "encarnação", que toma força, principalmente, no digital - trazendo a possibilidade de articulação em tempo real com seu público-alvo. Uma semelhança é encontrada no produto festivo, por se configurarem produtos e serviços que não estão estritamente ligados à experiência física, observamos uma questão com mais nuances: o produto passa de uma funcionalidade isolada e substituível, seja ela de lazer ou não, para um

patamar mais valorizado devido a aparição de sua marca, logo e comunicação.

Daí surgem as estratégias que serão empregadas para efetivar a compra e aliar-se ao consumo estão potencialmente utilizando sentidos e emoções originando oráculos que as dinamizam e contribuem para reforçar tal sensação. Nas articulações nacionais os apelos de maior poder persuasivo são: a sedução, o humor e a ludicidade e as misturas deles (PEREZ, 2004), como é visto nas tradicionais campanhas das cervejas mais conhecidas, nelas são agregadas mulheres exuberantes - apelando para uma plano que não é tido com bons olhares atualmente, também faz o uso animaizinhos engraçados em situações de grande humor¹.

Esse último fenômeno dos animais com apelo cômico ocorre frequentemente e tornou-se uma tática comum no digital, iniciada com caranguejos, tartarugas e etc nos comerciais televisivos tradicionais, como trata a autora. As escolhas estratégicas devem estar alinhadas com o tom de voz da marca num todo, de nada adianta, por exemplo, uma marca desejar retratar-se, após um posicionamento errado, e apostar numa campanha com abordagem cômica. Dessas estratégias que são escolhidas pelas marcas nem sempre fica nítido aos receptores o objetivo de persuasão final, seja por ter um caráter informativo, sedutor ou outro, que ludibria quem as recebe pela sua condução visual - isso, é claro, ainda que as pessoas tenham noção que se trata de um conteúdo promocional.

Ou seja, para a construção da identidade e persuasão do *target* pretendido e estabelecimento da marca no mercado, é necessário que os esforços estejam alinhados:

As agências e os profissionais de comunicação devem compreender a essência da identidade da empresa, os símbolos que a tornam visível, de modo a integrá-los, de forma explícita e bastante sutil, nas suas mensagens. (PEREZ, 2004, p. 115).

É através dessas articulações que a marca ganha o status que discutimos anteriormente, de garantia para além de mais um produto. Assim acontece também com o produto festas independentes, é com o reforço da comunicação *always-on*

¹Idem. PEREZ, Clotilde. Signos da marca. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

desenvolvida a partir de signos comportados na linguagem visual, que as festas independentes e transgressoras tornam-se diferenciadas.

O consumo do produto festivo final, geralmente, ultrapassa a atividade comemorativa presencial, inicia-se previamente no digital, configurando uma relação dialogal com o frequentador desses espaços e passa a ser parte dos símbolos sociais, responsáveis pelas sensações de aceitação e de pertencimento a um determinado grupo social, o desdobramento acontece porque os indivíduos são reconhecidos e valorizados pelo seu estilo de vida. (PEREZ, 2004, p 120).

Nas artes com as atrações que são divulgadas gradualmente, estar por dentro das tendências, compartilhar os conteúdos específicos dessas festas como forma de apoio ao movimento pertencente, integra parte do novo modo de consumo. Principalmente, pelas personalidades e atrações que se dispõem nesse circuito, próximos e acessíveis ao público - o que possibilita essa rede de apoio equivalente a uma quase amizade.

A abordagem comportamental analisada pela autora dialoga com a estratégia adotada pelos eventos que lançam em suas páginas os *pré-saves* ou lotes promocionais das festas, pelo seu teor condicionante da tomada de decisão do consumidor. Uma vez que eles oferecem benefícios que estão limitados ao tempo, ou seja, se adquirirem o material ou artigo imaterial naquele momento, terão alguma vantagem que outros que comprarem depois não terão.

2.2 A HISTÓRIA DO CONSUMO

A fidelização almejada pelos movimentos estratégicos de mercado busca o impulsionamento do produto de forma orgânica, mas essa vontade nem sempre está explícita no conteúdo promocional, como costumava ser - destacando os atributos que diferenciam o produto nas propagandas tradicionais. Com o avanço das estratégias, essa articulação capciosa da publicidade tende a embaralhar o fluxo de ideias dos indivíduos. Pode-se tomar de parâmetro o consumo que deveria construir pontes entre essas partes, que objetivam algo em comum, a sua aquisição e a venda, para rotação do mercado e satisfação dos agentes no consumo. Entretanto, é comum

que esse fenômeno persuasivo aconteça em detrimento da consciência total do usuário-consumidor, reflexo da publicidade antiga de "massa".

Os avanços tecnológicos que experimentamos nos últimos anos possibilitaram o acesso a uma "massa" de consumidores que nunca poderíamos ter imaginado, no entanto, agora, temos a possibilidade de acessá-los considerando suas distinções...conhecendo-os. (PEREZ, 2004, p.105)

A autora pontua uma característica que é fruto da evolução tecnológica, o diálogo com os consumidores, ele tornou o modo como os negócios conduzem suas promoções mais humano e menos massivo com a modernização dos processos.

É na promessa solucionadora de todos os problemas que a publicidade mostra seus tons mais obscuros, quando se discute a mensagem daquele produto que extrapola a sua dimensão funcional para que ele possa contribuir com a formação do humano, e não mais restrito somente ao que o indivíduo adquire como produto. Dessa forma, essas estratégias fidelizam o comprador. Assim discutido, "No marco de sua função de projetar determinada marca com uma imagem que atue como suporte expressivo e como sinal de identidade, a publicidade se finge permanente[.]." discute Perez (2004).

É importante, também, ressaltarmos a compreensão de que a fidelização do consumidor desse produto - chegado pela publicidade, não é somente dotada de ingenuidade, fica nítido o jogo de mercado que o indivíduo está envolvido no ato da persuasão, ainda que se brilhe os olhos com belos anúncios, discursos e *outdoors*, como comentado na obra da autora: "Será mesmo possível, há mais de 30 anos, lavar cada vez "mais branco?", e nesse instante o comprador direciona-se ao que lhe é mais conveniente dado diferentes circunstâncias.

Como avaliado por ela, os esforços persuasivos passaram a fidelizar o público consumidor a partir da década de 80, com o advento de negócios concorrentes às empresas já existentes. No que tange às festas independentes, podemos tomar o mesmo raciocínio de parâmetro, uma vez que movimentos contraculturais possibilitaram reajustes, no modo como essas cerimônias eram organizadas. As necessidades mais específicas começam a ser atendidas em meio à necessidade crítica de algo que precisava ser recomposto, mas ao mesmo tempo foi se

retroalimentando com práticas do movimento anterior para se constituir.

2.3 O CONSUMO MODERNO DOS EVENTOS

Encontra-se no ambiente das "nuvens" recentes, a avidez pelo acompanhamento incessante dos novos conteúdos, traçando um recorte às plataformas digitais, por exemplo, que colabora com a atualização de conteúdo constante nas redes sociais. Os receptores assumem o papel de usuário cooperador marcário, uma vez que são necessários para execução do diálogo moderno das novas plataformas. Juntos, tais avanços tecnológicos somados às estratégias do *marketing* caracterizam o mecanismo direcionado ao ponto em comum, um jogo mercadológico, em que a prioridade é, primeiramente, promover o produto e depois atender as expectativas de quem as compra.

O mal-estar da cultura da modernidade, é que as gerações dos mais jovens da América Latina expressam sua empatia cognitiva e expressiva com as linguagens do vídeo e do computador[...] deslegitimando suas segmentações. (Martin-Barbero, 2004, p. 26).

Acrescido ao jogo não tão nítido da digitalização dos produtos festivos, as inovações tecnológicas se expandem, para ditar novos rituais à sociedade pós-moderna. Sob diferentes óticas podemos observar o progresso das tecnologias como indiferentes ao propósito artístico-social cerimônias mais ativistas, desvalorizada pela prosperidade do mercado.

Basta observarmos que diferentes países vivem esquizofrenias culturais e a ausência de espaços de expressão política, passando a potencializar desproporcionalmente a cena dos meios de comunicação e, especialmente, falando do canal eletrônico televisivo, pois é nele que se popularizou o espetáculo do poder e do simulacro da democracia. Ainda como comentado por Perez (2004), é na densa trama de farsa, que adquire-se alguma visibilidade das dimensões chave do viver e do sentir cotidiano das pessoas, que não encontram-se nem no discurso da escola,

nem naquele que se autodenomina cultural.

A busca pela maximização de lucro escancara como o consumo recorre aos artifícios da propaganda, no mesmo desespero em que o mercado articula-se para vender o produto final e consolidar a oferta. Fixam-se os valores transmitidos pelas marcas das festas e festivais independentes para dotar as produções culturais e cerimônias, que tornam-se carregadas de significado marcário.

A abordagem psicanalítica refere-se a esfera sensitiva para persuadir o comprador [...]. Nessa abordagem psicanalítica a carga simbólica das cores, das formas e dos sons é uma ferramenta amplamente difundida nesse tipo de publicidade. (PEREZ, 2004, p.124)

É possibilitado para quem assiste, ainda que atentamente, perceber a orbitação do neoconsumidor que zapeia as coisas, e se entedia, chegando ao ponto de ao atingir um certo ápice de frustração e querer zapear a própria vida, confundindo as esferas do existir e consumir, aqui abre-se grande espaço para uma má interpretação das lutas identitárias. Diante da mobilidade digital recente em que se tem tudo à mão, há a existência de um público que segue, acompanha, aprova e desaprova o indivíduo que se espetaculariza para encontrar-se no consumo eletrônico.

O lugar estratégico que a produção cultural mediada pelas telas, que antigamente estava associado diretamente à televisão, reside nas dinâmicas da cultura cotidiana das majorias, na transformação das sensibilidades, nos modos de construir imaginários e identidades. Martin-Barbero (2004, p.26)

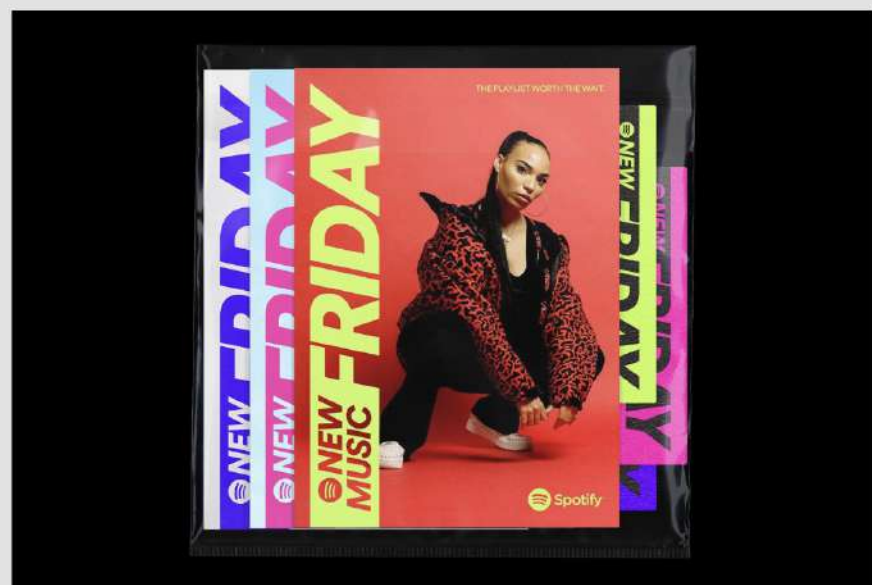
A alavanca do consumo moderno em conjunto com o uso desenfreado dos novos artifícios de propagação das forças às mobilidades culturais, que ainda sendo um produto mediatizado é também parte sociocultural constituinte e um marcador das vivências coletivas. É nesse momento, que a promoção de eventos, protagonizados pelos jovens coordenadores e influenciadores das festividades independentes, intrinsecamente colabora para a propagação nuvíosa das suas articulações.

FIGURA 01 - MATÉRIA PARA O SPOTIFY

Estudo revela que Spotify favorece artistas independentes e mulheres em playlist

A pesquisa concluiu que artistas indie e mulheres são os mais apoiados na editorial "New Music Friday"

por **Rafa Ventura**
07/10/2021, 11:59



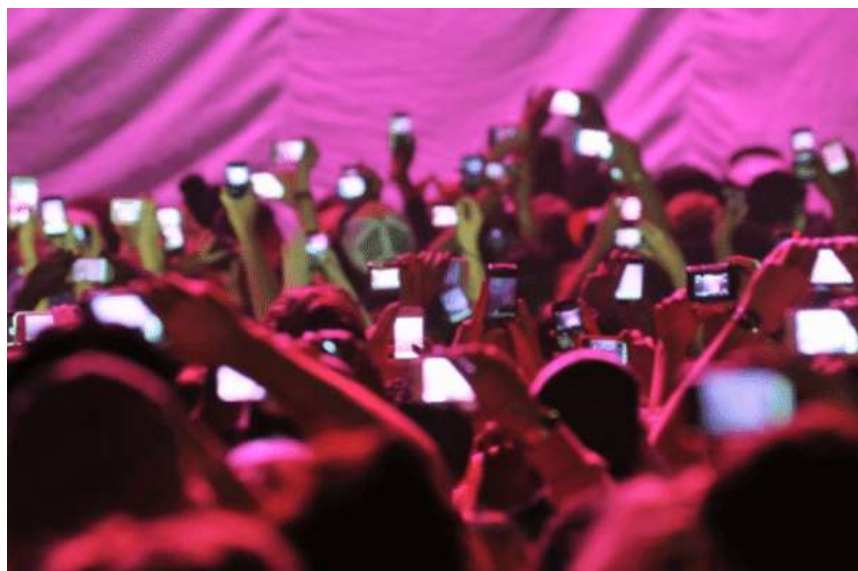
FONTE: PORTAL POPLINE

Relacionando o ambiente musical à era dos celulares inteligentes, pode-se observar que a aparição dos smartphones somada a hiper popularização dos aplicativos foi uma das aprimorações para a comercialização fonográfica. Em tese, essas novas aplicações dinamizaram a utilização de um serviço já existente em outro canal eletrônico - ainda que ele fosse menos dinâmico, as rádios guiaram as novas criações. Quando observamos mais de perto os efeitos dessas novas práticas, elas configuram-se como latentes, apesar de já haver uma crítica ferrenha aos aplicativos, aqui ela está mais ligada à condução da indústria musical e à modernização desse mercado. Em teoria, assim como todos os outros serviços, essa renovação tecnológica também não almejava danos, mas acaba por causá-los pela sua dimensão global e ininterrupta.

Outro fator que merece nossa atenção no mundo moderno é a descontinuidade, totalmente associada à dimensão de identidade, ela apaga territorialidades por conta da globalização. Esse questionável multiculturalismo vivido pela nova geração é carregado do geral, aniquilando tudo aquilo que é específico enquanto luta, vivência e especificidade. (MARTIN BARBERO, 2004, p. 43).

Como num instante mágico inconsciente, o desejo de consumo do produto não tangível é atendido e aquele lugar é ocupado, isso na experiência de escolhas do usuário que sequer percebe o ato do consumo.

FIGURA 02 - CELULARES E FESTAS INDEPENDENTES



FONTE: WRVU.ORG

Ou seja, se antes ficava claro o momento em que o indivíduo decidia comprar um objeto, agora modifica-se o próprio trajeto de consumo. Não é mais parte do ritual do novo consumidor deslocar-se para consumir o produto festivo - assim como comprar um cd ou participar de uma festa presencial. A trajetória se dá em sua palma da mão, quando pensamos em *lives* ou cerimônias festivas que são consumidas em partes, de modo repartido, dentro de período de 24 horas nas mais novas ferramentas do digital.

Essa dificuldade de discernimento do consumo, ocorre pois não é uma pauta discutida socialmente - salvo nos lugares e para as pessoas que estão interessadas numa posição mais crítica do consumir, já que a propagação suasória presente na

publicidade pressupõe de aspectos comunicacionais ditados pela própria sociedade de consumo, ou seja, pelos sujeitos estarem inseridos nela, e esse olhar nem sempre é tão evidente, tendendo a alimentar essas tais técnicas. Como dito por Martín-barbero (2004, p.26):

[...] as manipulações do poder e dos mais sórdidos interesses mercantis - sequestram as possibilidades democratizadoras da informação e as possibilidades de criatividade e de enriquecimento cultural.

O senso comum localiza apenas pequenos lados multifacetados da propaganda, restringindo ideias a recortes diante desses enunciados, que por vezes aniquilam as subjetividades dos indivíduos para prosperidade do mercado, ainda que elas possam ser classificadas como criativas ou até mesmo invasivas. De volta ao nosso objeto, nesse instante, as festividades modernas e independentes aqui analisadas podem comprometer o entendimento do que é ou não um produto, pois elas também são movimentos de luta e resistência, mas que por vezes precisam desembolsar uma certa quantidade monetária para que haja essa articulação.

Este produto sociocultural mostra-se utilizador do gigante banco de dados que coordena o ambiente digital, para no fim, integrar novas práticas e acabar por muitas vezes, a orientando a nova construção de rituais atrelados à identidade festiva, independente e moderna. Essa dinâmica não muito diferente das outras organizações cerimoniais mais comerciais que também adentram as "nuvens", desse modo, os organizadores das festas efetivam as práticas comentadas no início dessa análise, que nada mais estão do que modernizadas. Ou seja, ainda que configurem-se como eventos que ensejam ideais identitários, isso não os exclui da reprodução dos mesmos métodos das festas localizadas em diferentes circuitos que estes movimentos independentes estão postos, tornando o discernimento desses eventos dificultoso para parte do seu público.

2.4 A ESTÉTICA MERCADOLÓGICA DAS FESTAS

Um fenômeno digno de observação é a incompreensão e a ritualística que compõem até mesmo o código de vestimentas transgressoras presente nessas cerimônias. Ligeiramente, o público que compõe estas articulações identitárias acompanhadas de diversão, constrói signos a partir das vestimentas de afirmação, que abriga parte desse ritual de consumo. Em suma, o fator mercadológico conectado a esses eventos é que os agentes mercantis passaram a enxergá-los como possível público para vender, ainda que esta análise não esteja estritamente ligado à análise das vestimentas, é relevante lembrarmos que:

[...] até hoje, se formos observar, o consumo de moda se dá, em larga medida, em função dessa ritualística mimética. As novas possibilidades midiáticas acabam exercendo essa mesma função mediadora ligada ao consumo baseado na imitação.(POMPEU; PEREZ. 2020, p.26).

Muito ligado a característica digital, os integrantes das comunidades reproduzem o que parte dela está utilizando como vestimenta ou o que seu próprio grupo, inconscientemente, dita como aprovado ou desaprovado. É necessário ter em mente que essas festas são dotadas de singularidades e vivências, ainda que nem todos obedeçam essa regra. Disso, fica notório que as tendências modernas que diferenciam e integram esse grupos estão presentes e são reproduzidas nesses encontros festivos.

FIGURA 03 - FESTA MAMBA NEGRA



FONTE: RESIDENT ADVISOR

Acrescido aos signos que identificam essas pessoas, acontece a customização das peças na expressão de suas identidades - uma vez que os padrões do mercado da moda padronizam a expressão dos indivíduos.

Onde a realidade singular se impuser, a moda padronizada, estática e estética será dinamizada em rituais desviantes de adaptação. Rituais ligados muito mais a uma condição de escassez ou impossibilidade, em que o dever se amolece frente ao poder, do que a um princípio criativo. (POMPEU; PEREZ, 2020, p.58).

Uniformizados por características diversas ou customizados por qualidades de um grupo em comum, os frequentadores se juntam no mezanino das casas que apontam imóveis inutilizados pelo governo, ao mesmo tempo que essa instituição os excluem, acaba por uní- los naquele momento, ali juntam-se bolsas e malas ao redor das rodas festivas.

São eles jovens, negros, gays, mulheres e imigrantes, presentes denunciando a apatia de social que os marginaliza e os obrigam a contituírem um novo código de expressão, o que é identificado também nos signos do vestuário. Na atualidade é mais difícil perceber a identidade de indivíduos à primeira vista, ainda que sejam empregados estereótipos - não fica claro como nos impérios antigos, a leitura da classe social pertencente daquele indivíduo, por exemplo. E isso acontece pelo forte movimento do mercado, ademais, pela globalização dele. Outro fator conectado ao reivindicação de lugares públicos, que em diversos pontos se associa a espaços feitos para o consumo e que mantém forte diálogo com parte do público presente nas festas independentes analisadas, é que a maioria deles moram na periferia, levando-os a reclamarem lugares, adaptarem festas e customizarem peças de acordo com suas as possibilidades.

Deslocam-se os espaços e classificações sociais previamente atribuídos pelo consumo, o que era categorizado uma instância privilegiada, como os centros comerciais ou *shopping centers* - um dos emblemas centrais do consumo na sociedade consumista, escolhido fielmente para adquirir vestimentas, passa a ser um lugar de

lazer atravessado pela estética de um público desviante.

FIGURA 04 - MEGA ROLEZINHO NO SHOPPING ITAQUERA



FONTE: DESCONHECIDA

A opção de compra de itens pode até mesmo ser excluída por este público nesses lugares, agora o público das festas independentes conta com opções mais alcançáveis, configurado por uma consciência de consumo - que também conversa a participação do público de baixa renda dos eventos independentes como uma alternativa mais econômica. Do mesmo modo que para os participantes dos rolezinhos as vestimentas exprimem partes das suas vivências, preenchida de adaptações em sua composição, passam a criar novos sentidos em suas utilizações.

[...]Cada um lutando pelos seus valores, todos encontraram no uso que faziam das roupas uma forma de manifestar sua existência naquele dado contexto. Nas bordas empoderadas da sociedade – neste caso, nos grupos marginalizados que passavam a encontrar sua valorização – é onde encontramos mais exemplos registrados dessa ritualística criadora, que imprime no vestuário os valores ascendentes.(POMPEU; PEREZ, 2020, p.58).

Observa-se que o jogo do consumo entrelaçam-se com as identidades, e é nessas representações que o discurso publicitário utiliza-se de uma estratégia sedutora de

encenação, uma contraversão do desejo ao consumidor, cujo outro representado não é mais que um semelhante constituinte do seu grupo, e sim um mesmo sujeito que ele mesmo se enxerga e apoia para existir.

Em suma, um dos movimentos que é verificado nas artes visuais e que muito dialoga com as representações associadas às vestimentas, é o que Martín-Barbero (2004, p. 18) discorre sobre o cenário do movimento audiovisual e suas reproduções enquanto produto mercantil, ocorre uma convergência acentuada pelos modos de simbolização e ritualização. Num movimento de retroalimentação, o mercado dá alguns nós apertados e rege as reproduções artísticas e socioculturais, a ponto delas o alimentarem, mas ao mesmo tempo ser também alimentada por ele. A partir disso, as organizações das festas passam a reproduzir essas estéticas, forçadas pelo mercado, agora em seu conteúdo promocional, seja pelo viés criativo ou pela adaptação na vivência plural que essas peças traduzem.

3. FESTAS INDEPENDENTES COMO LUTAS IDENTITÁRIAS

Inerente às comemorações independentes analisadas neste documento, estão as identidades culturais afirmadas, ainda que a luta de resistência dentro dos centros urbanos se confundam com os olhares mal encarados - muito por conta do estranhamento da estética desviante daqueles que as julga, é nesse ambiente que as cerimônias tornam-se mais acessíveis, acolhedoras e críticas. Esse estranhamento tem origem a partir de um efeito gerado, já que todo ato de enunciação é fundamentalmente assimétrico Martin-Barbero (2004), ocorre que o indivíduo interpreta em sua mente e reorganiza, categorizando um sentido a partir de indicações presentes na mensagem carregada, aqui os elementos desviantes nem sempre muito bem vistos.

Ao que parece ser uma negação ameaçada pelo medo de perder privilégios, o acesso à informação das lutas coletivas é, por vezes, escancarado pelos artistas, organizadores, frequentadores e outros agentes que participam do consumo cultural defendido por essas festas. Mas ainda assim verifica-se um bloqueio para a organização desses eventos até a fiscalização deles, que acontece de forma muito mais agressiva que em festas mais comerciais.

Outro fenômeno comentado pelo autor Martin-Barbero (2004, p.24) é a ignorância daqueles que coordenam algumas produções culturais e que as detém, montando um paralelo, pode-se traçar uma linha entre a cultura popular e a política - é importante ressaltar que antigamente esse movimento político ficava restrita aos que detinham maior poder. Como no século XVIII, quando os poderosos afirmavam o "povo" na política, o negavam na cultura, fazendo essa "falta de cultura" elitista o maior traço configurante da identidade dos saberes populares, quando na verdade, o fato era que nesses setores moravam experiências e matrizes de outra cultura que não eram a deles.

É esse argumento e problemática que fundamenta a reflexão teórica seguinte. Retomando os algoritmos discutidos no primeiro capítulo, são eles os amplificadores desta característica defendida pelo autor, ultrapassando o caráter matemático, agora orquestram formas de percepções sociais. Na análise sobre os participantes das circuito independente, discorre-se também, sobre os que estão externos a tais festas e

que, de longe, observam-as sob outro ponto de vista. A constituição das representações passam a consistir em um certo paradigma para compreensão verbal e visual, que excedem os domínios da sintaxe e da semântica: ela se debruça sobre a linguagem em uso na comunicação, ademais, é sobre a relação da linguagem com seus falantes, com seu contexto extralinguístico - conjugados, na maioria das vezes, pela identidade e luta dessas festas independentes.

3.1 IDENTIDADE

É importante ressaltar que a mensagem dessas vivências é traduzida e dotada de sentido nas suas peças e enunciados. A partir disso, discorreremos do que está inscrito no entendimento entre as partes: entre o locutor e o receptor, essa conjugação dos esforços é o que poderá fazer possível o entendimento do que é propagado.

Com efeito, todo ato de enunciação é fundamentalmente assimétrico: a pessoa que interpreta o enunciado reconstrói seu sentido a partir de indicações presentes no enunciado produzido, mas nada garante que o que ela reconstrói coincida com as representações do enunciador. (MAINGUENEAU, 2002, p.20).

Acerca do pensamento do autor, podemos inferir que das subjetivas mensagens emitidas pelas festas independentes, os recortes de cada indivíduo podem influenciar na compreensão do que é percebido. A sequência verbal constitui um enunciado e para decifrá-la movimentamos, ainda que de forma inconsciente, vários mecanismos para chegar ao seu entendimento. Assim, para alcançar uma análise fiel é preciso entender a história dessas cerimônias que detém um caráter de luta e resistência, por abrigarem grupos considerados diferentes ao padrão que comumente frequenta eventos estritamente comerciais, ainda que essa última contribua para a movimentação da sociedade e também esteja carregada de história. Entretanto, as festividades em aqui foco assumem papel mais incisivo na luta pelas suas próprias existências.

Há inúmeras possibilidades visuais identificadas como convergentes aos

valores sociais tradicionais, seja pela estética visual diferenciada, escolha de vocábulos, ambiente em que esses eventos acontecem, pelos grupos frequentadores ou pelo direcionamento monetário que ocorre no final dessas articulações. No fim, a estratégia assumida pelo time de marketing desses grupos independentes, reafirma e remonta a mensagem a ser decodificada sobre os movimentos afirmativos, assim tencionamos grande parte da esfera visual montando um paralelo com as lutas identitárias. Posto isso, desdobramos o movimento desde o início, inclusive com autores que até mesmo ajudaram a compor as diferentes identidades aqui analisadas.

Uma delas é Lélia Gonzalez, que assume indispensável contribuição sobre festividades, pelo seu trabalho enquanto intelectual, autora, política, professora, filósofa e antropóloga brasileira. Foi pioneira nos estudos sobre Cultura Negra no Brasil e co-fundadora do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras do Rio de Janeiro. Em seus dois livros tangenciais estudos sobre o Carnaval baseado em vivências negras, que é sua maior contribuição para o campo acadêmico, além de ter participado do movimento de dissociação dos agentes mercantis em eventos na década de 70.

A autora defende a existência do movimento festivo enquanto luta em sua obra *Festas populares no Brasil* (1987), em que disserta sobre a resistência de festas que marcam a identidade brasileira, assim como Antônio Risério em *Carnaval Ijexá* (1981), eles são dois pesquisadores que tomaremos de base para observar as lutas pioneiras interseccionais do Brasil. Um fato interessante é que ao mesmo tempo em que são autores, também foram participantes e ajudaram o nosso objeto de estudo a tomar a forma que tem nos dias atuais, ressaltando a existência das festividades enquanto movimentos reivindicatórios nas grandes cidades brasileiras.

Dentro da conjugação que estava inserida, Gonzalez (1982) apresenta a magnitude cultural negra, que foi uma das auxiliadoras para sua compreensão e inserção no universo acadêmico e na luta ocupante, foi relacionando os símbolos culturais da sua trajetória ao seus estudos que conseguiu compreender a forma que o aprendizado universitário lhe era ensinado, a sua identidade teve um papel indispensável. Em resumo, o movimento candomblecista, numa atuação conjunta

entre os até então diferentes universos - já que naquela época as movimentações sobre identidade ainda não eram discutidas como agora e tampouco associadas à educação, a ajudou na assimilação de uma teoria que era excludente e não conversava com sua realidade, quase que como uma válvula direcionadora de conhecimento.

3.2 MOVIMENTOS ASSOCIADOS À FESTAS INDEPENDENTES

Os obstáculos encontrados nos centros de pesquisa no contexto de González estão atrelados às condições que vigoravam naquela época, e muitos deles ainda são reproduzidos até hoje. Essas condições são colocadas como limitadora de espaços, em que a resistência e o entendimento social se fazem presentes, é por esse recorte excludente, que os grupos minoritários acabam por reunir os indivíduos em outras esferas de confraternização, as quais a maioria da população é rejeitada.

Desde a época colonial aos dias de hoje a gente saca a existência de uma evidente separação quanto ao espaço físico ocupado por dominadores e dominados. (GONZALEZ;HASENBALG, 1982, p.15)

Essa demarcação social acentuada, escancaradamente e sem qualquer suporte a permanência do sujeito inserido nos grupos minorizados, passava a diminuir sua participação. Nesse caso - ser mulher negra, era um fator que a deslocava das compreensões acadêmicas a movendo para ambientes de celebração existenciais que também estão dotados de saber e movimentação social.

Dado o contexto da classe média durante o período militar, a prosperidade do consumo funcionava como suporte ideológico do "*Milagre Econômico*". Nesse momento acontecia uma grande mobilização política do "*Ninguém segura este país*", em que os eletrodomésticos, automóveis e eventos como a copa de 70 e quitações imobiliárias potencializaram a sensação de quem detinha tal poder de compra e avidamente acreditava estar inserido num momento de prosperidade nacional, enquanto outros poucos conseguiam sequer estar inclusos nos debates mais privilegiados, mesmo que presente fisicamente. (GONZALEZ;HASENBALG, 1982, p.17)

A primeira carta do Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial, que a

autora destaca em sua obra, é o sentimento que a comunicidade negra experienciava enquanto grupo organizado, sujeito a viver pelas margens sociais e que a mobilizou enquanto agente dentro desses centros seletivos. Durante a ditadura essa prosperidade do consumo impulsionado pela publicidade conseguiu falsear um milagre econômico que sequer aconteceu:

[...] a turma tava muito orgulhosa de si e de seu país. Portanto nada mais natural do que a gente ver, nos plásticos dos automóveis expressões tais como "Brasil: ame ou deixe-o". Propaganda e Publicidade firmes em cima, fazendo cabeça; muito riso, muito brilho, muita assepsia, muito perfume. Muita festa, grandes carnavais..." (GONZALEZ; HASENBALG, 1982, p.17).

Um dos sinais que constituíram a sensação de pertencimento e segurança nacional era atravessado pelo poder de consumo que nem todos podiam participar. Para Gonzalez, nesse momento surgem conexões com artistas e movimentos de celebração intrinsecamente carregados de denúncias sociais. A Ala dos compositores encabeçou o enredo feito por seus compositores em conjunto com ela, que orquestraram o seguinte canto, " E os quilombolas de hoje em dia são a candeia que nos alumia".

Pode-se notar que as festas independentes e cerimônias experienciam hoje, um encontro para celebrar e denunciar insatisfações populares que existe há algum tempo e direcionou a forma como essas celebrações se dão na atualidade. Numa conexão, os aliados que participavam dessas cerimônias festivas, eram integrantes do movimento que denunciava a ludibriação consumista prosperada pelos que detinham poder, eles eram os integrantes de blocos de carnavais e afoxés de Salvador. Os centros de discussão e resistência passam a ocupar o mesmo ambiente em que essas existências são celebradas. Após um período, felizmente, de forma mais consciente, as políticas públicas conseguem contornar e abrigar existências mais plurais.

Entretanto, comportamento excludente do passado e que rendeu frutos somente a parte da sociedade e acabou por reproduzir o que já se tem como norma, apenas alguns podem ter acesso a tudo. De fato, ele existe pela chegada da sociedade pré-capitalista (HELLER, 1970, p.88), implicando numa estabilidade dos

usos, assim, caracteriza-se os comportamentos consuetudinários - quando os papéis estão pressupostos. Desse modo, os costumes e sujeitos que participavam das tomadas de decisões eram elevados em detrimento dos grupos minoritários que eram orientados pelas escolhas daqueles que os excluía.

Em síntese, a autora discute a coexistência desses fatores que são por vezes sub categorizados e não levados em conta no âmbito social:

Num caso o papel da raça na geração de desigualdades sociais é negado, no outro o preconceito (racial) é reduzido a um fenômeno de classe e, por último a discriminação racial constitui um resíduo cultural do já distante passado escravista. Nenhuma destas perspectivas considera seriamente a possibilidade da coexistência entre racismo, industrialização e desenvolvimento capitalista. (GONZALEZ; HASENBALG, 1982, p.88).

Tais coexistências começam a diversificar o movimento das cerimônias independentes, é na heterogeneidade que se aponta a necessidade de inclusão reivindicada nesses eventos que surgem em forma de abrigo. No próximo capítulo discutiremos como as festividades independentes apontam as irregularidades sociais colocadas pela autora.

3.3 CARNAVAL COMO MOVIMENTO POLÍTICO

A origem do Carnaval acontece no Catolicismo Medieval², isso porque a Igreja Católica durante a Idade Média passa a acreditar que a comunidade estava pecando demais e estabelece a Quaresma - dado isso, a Igreja percebe que dias antes de começar a dieta estrita seguida quarenta dias era necessário outros de confraternização, quase que como um ato de inversão social.

² Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/carnaval/a-pratica-carnavalesca-entrudo.htm>

Acesso em: 20 ago. 2022.

FIGURA 05 - CARNAVAL DE ENTRUDO PORTUGUÊS



FONTE: MARIANA HISTORICO E CULTURAL

O Carnaval de Entrudo é uma festividade popular, marcado pela massa popular e herança portuguesa, mas que foi reativada no Brasil pelos Blocos Arengueiros - eles funcionaram como um dos alicerces para a escola de samba que conhecemos hoje, como explica Estação Primeira de Mangueira, explica Risério (1995). Um dos traços reconhecidos do Entrudo era a ridicularização das figuras políticas, que aciona a sociedade e instituições tradicionais do período colonial e do final da colônia a desconsiderar o movimento carnavalesco como um todo. Um ponto efervecido por Risério (1995) sobre a explicação do Carnaval no Brasil no século XX, é que:

O carnaval carioca é, sobretudo, um espetáculo. Afora bailes em clubes fechados, prevalece nas ruas uma divisão entre palco e platéia. O que, de resto, parece contrariar o modelo "clássico" que encontramos na história do carnaval no Ocidente, dos permissivos festejos romanos em honra de Saturno aos carnavais da Idade Média. onde a idéia de uma separação entre palco e platéia,

teatralizando a festa, seria simplesmente impensável - "teria destruído o carnaval.

Uma questão válida de análise numa comparação com o carnaval atual, é que enquanto a festividade de avenida tem nota, tema, alas, escolas bem definidas e o aparato policial como proteção, mora um contraste com o carnaval de rua. Esse último é um evento desordenado, que vive sob o controle social estabelecido pela ordem pública, em que a massa conservadora se distancia, mas ao mesmo tempo conta com a cooperação do mercado e grandes marcas, funcionando como um agente que almeja discipliná-lo.

De 1920 e 1930 surgem as escolas de samba e sempre foram instituições que tentaram dialogar com o estado³, que muito dialogou com o período Vargas de 1937 a 1945, havia um discurso de exaltação nacional em que as escolas participaram com enredos que exaltavam grandes fatos da história brasileira, como o descobrimento do Brasil, Abolição da Escravatura e Independência do Brasil numa perspectiva de oficialidade. Mas entre 1968 e 1964 surge a falsa ideia do Milagre Brasileiro na economia ainda sob o período de Ditadura Militar, acontecia de forma concomitantes o período que ficou conhecido como anos de Chumbo, que sofreu repressões nas suas expressões, um fato bastante conhecido foi que em 1969 - que aconteceu após o decreto AI-5 - é que o Império Serrano teve seu enredo modificado⁴, pois a palavra "revolução" estava presente e o poder funcionava sob um período de censura.

À primeira vista, o Carnaval significou a longe olhares um símbolo da alienação brasileira, ignorando todo o significado político e cultural do evento. Tendo em vista que a primeira República se deu no Rio de Janeiro, não é surpresa que os carnavais mais próximos do período de abolição da escravatura funcionou como válvulas para impulsionar a luta por liberdade, algumas vezes a luta foi reforçada pela elite que desfilava nesses blocos, comenta Luiz Antônio Simas, Especialista em festividades brasileiras em entrevista. Aqui encontra-se o caráter político dessa cerimônia que muito se assemelham as festas independentes aqui tratadas.

³ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_jZgCFhnu30. Acesso em: 10 nov. 2022

⁴ Disponível em: brasildefatorj.com.br/2018/02/09/conheca-a-historia-do-samba-da-imperio-serrano-que-desafiou-militares-em-1969. Acesso em: 07 ago. 2022.

O Carnaval assim como outros rituais festivos brasileiro está ligado a cultura do país. O especialista reforça alguns eventos festivos repletos de lutas socioculturais, acrescentando que no primeiro período de Getúlio Vargas (1930 à 1945) aconteceu um reconhecimento significativo para a comunidade Negra: sob o aval do presidente, o mestre de capoeira Antonio Bimba ficou responsável por torná-la patrimônio imaterial⁵. Outro fato cerimonial que se pode vincular a cultura negra, enquanto comemoração associada a luta, é a celebração do Candomblé nas praias do Rio de Janeiro nas viradas de ano para saudar Iemanjá, assim como os Afoxés que são cortejos de Candomblés que tocam o ritmo Ijexá.

3.4 A INFLUÊNCIA DO MOVIMENTO PASSE LIVRE 2013

Não é de hoje que as reivindicações sociais começam como iniciativa do corpo discente das escolas e universidades, para uma breve contextualização e compreensão do ponto em comum com as lutas identitárias presentes nas festas independentes, ativa-se o momento em que a população brasileira voltou olhares para as lutas coletivas. Junho de 2013 foi marcado no Brasil inteiro pelos diferentes grupos que participavam das articulações políticas que ocuparam as ruas brasileiras, caracterizando-o como um evento heterogêneo, governado sob o primeiro mandato da Presidente Dilma Rousseff, em que houve uma ruptura política. Numa combinação de fatores de crise econômica, um fervor pela vinda da Copa de 2014, inflação e aumento no preço dos passe-estudantil ficou conhecida uma frase que ouvimos a todos os cantos no período: “*O gigante acordou*”.

Quase que numa festa cívica as pessoas tomavam as ruas com seus desejos expostos, críticas e vontades escancaradas para que quisessem filmar, já que grande parte do movimento era impulsionado com as redes sociais⁶. Outro fato interessante de analisarmos é que nem todos tem a real consciência do que estava correndo - e nesse

⁵ Disponível em:

<https://aun.webhostusp.sti.usp.br/index.php/2018/12/03/capoeira-transformada-em-patrimonio-cultural-po-e-em-risco-sua-identidade>. Acesso em: 10 out. 2022

⁶ Disponível em:

<https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/manifestacoes-de-junho-de-2013-relembre-os-fatos-importantes>. Acesso em: 05 nov. 2022

caso não me atento a uma luta partidária, o alvoroço que era instaurado naquele instante também era em parte por pessoas que apenas estavam excitadas pelos desejos alheios, o que tinha sido estimulada pela mídia. Mais de um milhão de pessoas compareceram aos eventos espetacularizadas pelo território nacional.

FIGURA 06 - MOVIMENTO PASSE LIVRE



FONTE: GRMISITI/FLICKR

A luta coletiva guiada pelo movimento estudantil, foi uma característica da insatisfação dos jovens que acionaram, através da internet, milhões de pessoas que chegaram a invadir órgãos públicos de Brasília. O estopim se deu pelo aumento da passagem em vinte centavos para o uso do transporte público.⁷ Em seu artigo sobre as manifestações de rua de 2013, a autora Scherer-Warren (2014, p.418) expõe que o movimento jovem tem grande atuação desde o século XX no Brasil, seja pelas mobilizações contra a ditadura, as Diretas Já, os Caras Pintadas e o Movimento pela Ética na política, além das manifestações mais regulares, como o Grito dos Excluídos, as Marchas das Margaridas, os movimentos pela Reforma Agrária, ou dos atingidos por barragens, movimentos negro, indígena, etc.

⁷ Disponível em: <https://exame.com/brasil/o-ano-em-que-o-gigante-acordou>. Acesso em: 07 out. 2022

Em 6, 7 e 11 de junho, jovens coordenados pelo Movimento Passe Livre (Movimento Passe Livre) fecharam vias importantes da cidade de São Paulo para pedir a diminuição dos bilhetes de ônibus e metrô. (EXAME, 2013).

Ainda que, de primeiro momento, a mídia tenha relacionado a articulação e chamado de grupos de vândalos, em que muitas emissoras cogitaram ações de *Black Blocs*, a imagem de cara foi associada ao movimento. Centenas de conturbações foram sofridas pelas identidades desdobradas nesta pesquisa, muitos presos, feridos e um dos mais comentados casos ficou um jornalista do Jornal da Folha que levou um tiro no olho.

Tudo isso, nos colocou num momento de observação e questionamento que foi ganhando forma com o tempo. Não é à toa que as festas aqui analisadas surgem entre 2013 e 2014, como uma consequência da existência e ignorância da máquina pública que deixava de lado os menos priorizados pelas suas escolhas. Outra extensão que coincide com a construção e consumo das festas independentes é o uso de redes sociais como fonte de informação. No capítulo sobre direitos humanos tangenciado em seu artigo da manifestação de 2013 a autora que escreve para o CADERNO CRH, Salvador explica:

No sistema de informação, foram relevantes as redes sociais virtuais, as redes sociais presenciais e as mídias (a grande e as alternativas). Os jovens vêm se manifestando cada vez mais pelas redes sociais, na internet, usando o suporte das novas tecnologias para se organizar. (SCHERER-WARREN, 2014. p.120)

A democracia se polarizou e presenciou manifestações que não aconteciam no mesmo grau há algum tempo, o direito de liberdade ampliado nas redes sociais atravessado pela troca de informações desenfreadas tornou a análise daquele momento complexa, por estimular a luta coletiva, e por outro dividir a população.

Nesse contexto surgem as três celebrações identitárias desse estudo, sob um ano em que os “ativistas de sofá” - como alguns se dirigiam aos milhares de pessoas que se ausentaram da rua assistindo aos movimentos ocupavam as ruas e, caminhando lado a lado, expressando em massa insatisfações diversas – desde os gastos duvidosos com a Copa do Mundo, o aumento da passagem, à eleição de um homofóbico à

Comissão de Direitos Humanos da Câmara de Deputados.

4. ANÁLISE DE INSPIRAÇÃO SEMIÓTICA DAS FESTAS INDEPENDENTES

4.1 A ESCOLHA DA BASE METODOLÓGICA

O desenvolvimento teórico que redigimos até aqui conduzirá a análise para a compreensão deste tópico metodológico. Adiante será possível compreender a relação contemporânea das festas independentes atrelada ao movimento de ocupação urbana e a luta identitária associado à visualidades transgressoras, intimamente influenciada pela publicidade digital - condição inerente à hipermodernidade. Em retomada à pesquisa, tendo os diálogos das festas como uma ferramenta que se encontra em diferentes pontos de contato com a comunicação e a propaganda, mostra-se necessário investigar detalhadamente como a relação entre o mercado e a luta coletiva acontece, a partir daí, buscar entender os mecanismos mercadológicos construídos a partir dessa condição.

Ainda que esta análise não pretenda esgotar os possíveis percursos para a constatação desses entrelaçamentos que são infinitos, através de um olhar empírico apontaremos de quais formas essa reconfiguração de consumo moderno independente acontece. Não obstante, foi escolhido prosseguir com uma análise de inspiração semiótica de peças publicitárias recentes, as quais conferem, de alguma forma, uma síntese da luta coletiva atual executada pelas três festas independentes. A fim de introduzir brevemente o campo de estudo e comprovar a escolha da corrente teórica presente, utilizaremos duas acadêmicas que estudam a semiótica, são elas Lucia Santaella e Clotilde Perez.

Diferente de outras análises, de início, é importante pontuarmos que a semiótica lida com os conceitos, ideias e mecanismos de significação e ao contrário da linguística, a semiótica não se reduz a uma pesquisa isolada no campo verbal (SANTAELLA, 2003) - ela é expandida para inúmeros sistemas de signos, presentes em vídeos, músicas, roupas, símbolos, religiões ou até mesmo gestos. Aqui tratamos da “teoria dos signos”, uma série de estudos sobre a ação deles, entretanto, antes pela definição do que seriam os signos, é imperioso, lembrar o que eles configuram para alcançarmos a compreensão das análises. A semiótica pode acontecer a partir

de três correntes, entre as três estão : a peirceana, a greimasiana e a semiótica da cultura - que tem amparo nos estudos russos. Nos atentaremos a teoria de Charles Sanders Peirce, filósofo e matemático, explicado por Santaella (2005, p.12):

[...]há três propriedades formais que lhes dão capacidade para funcionar como signo: sua mera qualidade, sua existência, quer dizer, o simples fato de existir, e seu caráter de lei. (...) Ora, essas três propriedades são comuns a todas as coisas. Pela qualidade, tudo pode ser signo, pela 57 existência, tudo é signo, e pela lei, tudo deve ser signo. É por isso que tudo pode ser signo, sem deixar de ter suas outras propriedades.

Essas três categorias são onipresentes, do que se refere à qualidade, temos a cor, a forma, a aparência e o volume, por exemplo. Enquanto existente temos a forma física e espacial no universo, por isso tudo é signo. Isso acontece por ele ser o objeto, e consequentemente afeta o interpretante, são esses três que compõem a tríade de Peirce (SANTAELLA, 2005), é nessa tríade que as pessoas exprimem o contexto à sua volta. Numa linha de raciocínio podemos tomar que, o signo é algo que ativa o pensamento, parte perceptível e representada. Já o interpretante é a imagem mental que cada um têm desse signo, enquanto o objeto é a coisa propriamente dita. Relacionado às festas independentes, podemos constatar que elas sejam o nosso signo, o objeto pode ser qualquer das festas aqui - que não estão isentas de patrocínio, apoio de marca ou suporte governamental, mas que começaram com esse intuito. O interpretante é a festa que vem a sua cabeça quando mencionamos nossos objetos de análise, festas independentes. Este último está conectado a mais três outras camadas de estudo:

O interpretante imediato é primeiridade, uma possibilidade de significação inscrita no signo; o interpretante dinâmico (produzido) é secundidade, o fato empírico da interpretação ou os resultados factuais do entendimento do signo; o interpretante final é terceiridade, uma regra ou padrão para o entendimento do signo (SANTAELLA, 2005, p. 167).

A fim de uma explicação breve, temos o ícone, índice e símbolo. Ícone é aquilo que mantém a relação de proximidade sensorial ou emotiva, é quem cria várias ideias. O outro elemento que podemos tomar de exemplo é o coração, que está presente em

algumas das peças investigadas, por exemplo, ele pode simbolizar o amor. O Símbolo passa a representar algo por ensinamento ou convenção, por exemplo, as palavras dispostas nas peças analisadas representam os próprios objetos em si, ou seja, as pessoas são ensinadas que a palavra festa representa uma confraternização, podendo ser elas constituídas de música ou não.

4.2 ESCOLHA DO CORPUS DA ANÁLISE

As investigações empregadas nessa pesquisa visam obter algumas percepções do desenvolvimento dessas confraternizações, o corpus da pesquisa foi levantado pensando na representação de três esferas sociais: negra, LGBTQIAP+ e a ocupante, são elas respectivamente a Batekoo, a Mamba Negra e a Carlos Capslock. Outro critério considerado foi o espaço em que elas são realizadas e a acessibilidade delas ao grande público, enquanto festas que começaram como movimentos independentes e que hoje contribuem para a luta social de alguma das comunidades investigadas - um fato importante de ser lembrado é que todas elas alcançaram o seu ápice após as manifestações do movimento estudantil 2013 no Brasil, instigador de vários movimento estudados nos capítulos anteriores.

Dessa forma, prosseguiremos com a análise de inspiração semiótica das festas independentes: Mamba Negra, Batekoo e Carlos Capslock. A fim de destrinchar as organizações e explanar os movimentos enquanto reflexo social do consumo dotado de crítica, às observamos com um descritivo contendo linguagens visual e verbal das principais fotografias - que foram escolhidas a fim de traduzir o real significado delas..

4.2 FESTA MAMBA NEGRA

A história dessa festa é regada de diversidade, e de longe nota-se o espaço artístico e LGBTQIAP+ como fator imperioso e contribuinte para a cena underground de São Paulo. A festa começou em 2013 e foi Idealizado pela arquiteta Carol Schutzer e pela

Artista AudioVisual Laura Diaz, seguindo a descrição do próprio site da organização⁸:

Subversiva para xs visitantes a MAMBA é uma manifestação física da alma da cidade. Venenosa, hipnótica y apaixonante. Através das festas de rua em espaços públicos, festas autofinanciadas em imóveis degradados do centro, festivais autogeridos em ocupações estudantis, artísticas e de moradia, o ambiente das raves renasce na cidade carregando os princípios de comunidade y inclusão. (MAMBA NEGRA, 2022).

Hoje o movimento da equipe ultrapassou a definição inicial da festa e, atualmente, abriga selos musicais, uma agência de artistas sonoros e visuais, uma rádio online e uma equipe geral que vai desde segurança à performistas rotineiros do evento.

Fica nítido que a estética da festa é bastante diferente do que os eventos mais tradicionais estão dispostos a organizar, tanto pelos lugares em que acontecem, mas também pela estética abrigada para a comunicação da marca. Esse caráter marcário existe, ainda que o movimento represente espaços para produções mistas entre música eletrônica e orgânica, de bandas, artistas visuais e performances independentes.

A movimentação multi artística contou com aparatos digitais, durante o período pandêmico⁹ para que a festa conseguisse suportar os artistas contemplados e alcançar mais visibilidade. A comemoração de 08 anos da organização do evento ainda está disponível e utilizou-se uma gama de conteúdos visuais para apetecer os frequentadores. Nela a estética experimental é quase um signo produzido pela produção, nas realizações audiovisuais de impulsionamento e comunicação ficam explícito o caráter anti regras comuns de identificação de marca, atribuindo elementos não usuais nas peças gráficas, que desdobram-se também na esfera sonora desviante.

⁸ Disponível em: <https://mambanegra.org>. Acesso em: 20/10/2022. Acesso em: 20 set. 2022.

⁹ Disponível em: https://youtube.com/channel/UCOJ2F0Ohu9H_ZDEJCrjSzwg. Acesso em: 20 set. 2022.

FIGURA 07 - FESTA MAMBA NEGRA



FONTE: NU ABE

Na fotografia do evento podemos afirmar que o público ingressante da Mamba expressa-se de diferentes formas para compor o todo e participar da cena desviante. No vestuário, as cores vibrantes ou escuras são comuns, na figura acima o rosa que endereça o amor e a inocência, acompanhado do coração bem no centro do peito da mulher que porta óculos de cantos arredondados contribui com sua franja para compor o universo infantil na conjunção dos elementos presentes. Transitando entre diferentes campos, as cores escolhidas pelos outros são mais sóbrias com exceção da extensão de cílios de pano do seu parceiro localizado na extrema direita da foto, que pode ser interpretado como lágrimas, em contraste com a roupa de couro preto que integra o universo mais agressivo, montando um paralelo com o universo gótico. Também destaca-se o cabelo colorido de vermelho, em oposição ao restante das vestimentas, e se direcionarmos ainda mais nosso olhar, a estilização também está nos acessórios com as luvas furadas nos dedos e o repertório de brincos presentes na orelha, integrando o universo *queer*.

Além disso, a identidade negra também é parte do cenário na fotografia, marcando a presença identitária negra e afirmando a comunidade naquele espaço, nela os *dreads* carregados de simbologia somam-se aos óculos que pretendem evitar

raios solares, mas que também passam a acrescentar ao estilo pretendido. Logo atrás também podemos observar um aparato na cabeça de uma pessoa, aproximando-a de uma representação alienígena dotada de muita arte e questionamentos a que possa vê-la, ela está carregada de muita caricature na maquiagem exagerada ao que pretende escapar dos métodos convencionais, adicionado ao seu batom ultra-vermelho, sombra de olhos rosa na pálpebra e uma bochecha bem marcada - atravessando o limite da coloração que pretenderia simbolizar saúde em sua pele, ali temos um marcador da pulsão artística da festa.

FIGURA 08 - EVENTO DE COMEMORAÇÃO FESTA MAMBA NEGRA 08 ANOS



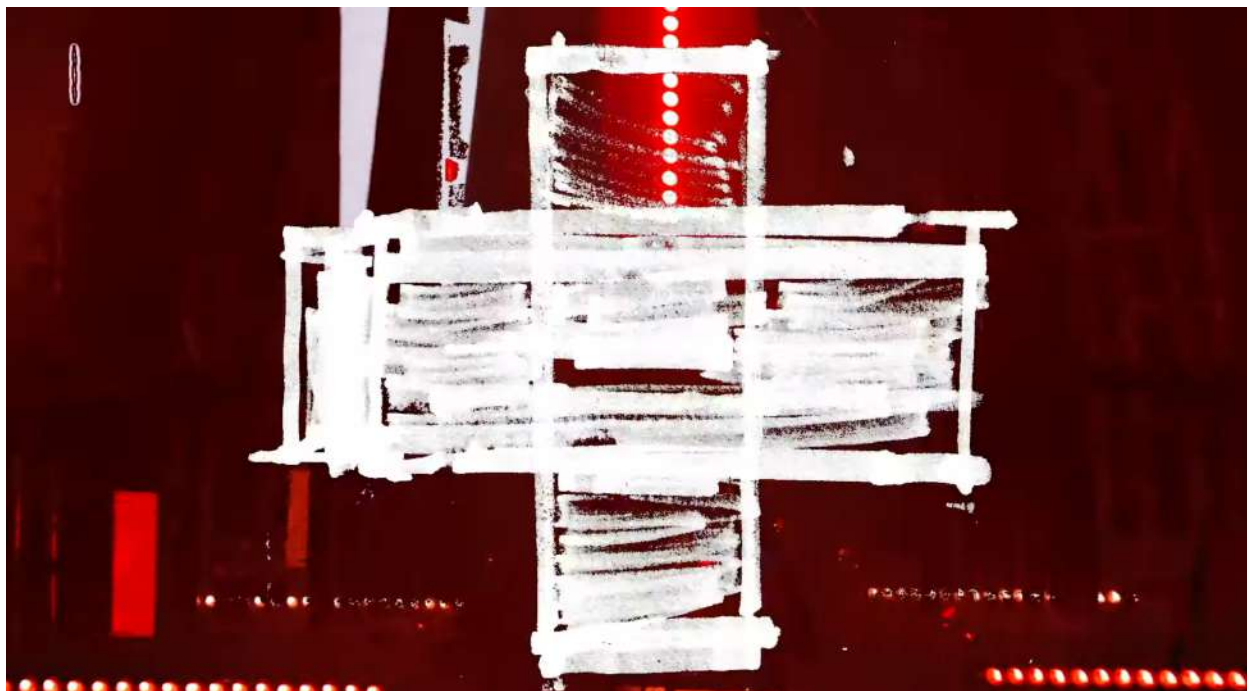
FONTE: CANAL MAMBA NEGRA YOUTUBE

A junção de elementos presentes na imagem acima reforçam o aspecto turbulento e destoante das demais, como uma promessa paradoxal, em que há o conhecimento e a execução do desconhecido nas práticas empregadas da sua proposta. Os ruídos verdes em contraste com o fundo preto caótico enfatizado com as linhas rosas que remetem a uma cruz, são uma subversão da comunidade tradicional. Juntos eles também quebram os usos normativos e passam a inverter a lógica religiosa para algo longe disso, essa cruz pode simbolizar uma nova instituição instaurada pelo movimento - já que é muito comum em festas desse tipo, ou até mesmo questionar o uso comum dela.

Em outras projeções do palco, que funcionam como elementos de constituição dela, os símbolos do coletivo costumam estar repletos de singularidades, quase sob uma composição artesanal diferenciada - em que tudo se mistura mantendo a unicidade do

estranho. A composição de elementos - que para o Design Gráfico, pode parecer conflituoso, encontra-se como expressão nas Artes Visuais, que é uma das formações da uma das idealizadoras do evento.

FIGURA 09 - EVENTO DE COMEMORAÇÃO FESTA MAMBA NEGRA 08 ANOS



FONTE: CANAL MAMBA NEGRA YOUTUBE

A cruz é um elemento gráfico signo da comunidade cristã, mas o emprego desse símbolo assume o papel de desafio à sociedade tradicional, com uma forma mais rude e menos detalhada de como a Igreja costuma mostrá-la. O Fundo do palco vermelho choca-se com o elemento gráfico da transmissão ao vivo, que festeja o aniversário da festa, numa hipótese corresponde ao sangue derramado e pregado na mensagem da instituição tradicional, esse elemento presente no digital embasa o aspecto moderno, e se contrapõe às técnicas religiosas que colocavam o elemento como signo dos rituais cristãos de forma física, como nos escapulários, na própria igreja. Por outro lado, o vermelho também pode representar na peça a cor do amor, do desejo e da violência, essa última faz bastante sentido já que essa é uma realidade comum na vida das pessoas que participam da festa. Entre elas a comunidade transgênero - que tem

grande espaço alocado para performances repletas de arte, roteiro, encenação, música, desdobram em análises de amor e luta, essas pessoas sabem o lugar de visibilidade que podem participar e ser parte nesse evento.

FIGURA 10 - POSTAGEM DIVULGAÇÃO DAS ATRAÇÕES DO EVENTO



FONTE: INSTAGRAM MAMBA NEGRA

A identidade do evento independente adota na simbologia, elementos que associam-se ao ambiente mais carinhoso na linguagem verbal repleta de palavras, transpassando o acolhimento e enfatizando a mensagem de suporte ao envolvidos no coletivo, isso fica explícito na descrição da postagem, em que são encontradas palavras como: união, pronomes e conjugações no feminino - direcionando a visibilidade para o público feminino, nos caracteres especiais mais delicados e na textura rosa pelúcia da composição da imagem.

Entretanto, na composição total há uma dualidade, o preto em contraste com o vermelho, ainda que a maior presença esteja no rosa - passam a compor o universo da

fofura, já ressaltado no texto em confronto com as texturas macias e nuviosas. A condição de dualidade está na holográfias pesadas, que abrigam uma visualidade mais complexa carregada de elementos que se contrapõem, com recortes grotescos e uma tipografia afiada, essa escolha pode ter se dado porque como comentado anteriormente, a festa emprega uma estética transgressor - de nada adiantaria apenas utilizar-se de aspectos doces para compor a movimentação dialogal com os seguidores que esperam uma estética desafiadora, tudo isso contribui para a imagem que se tem da organização dessa festa.

Dos símbolos observados podemos identificar uma direção semelhante a cor majoritária que elucida a fofura, fazendo o uso de estrelas e corações na peça para compor o universo fantasioso.

4.3 FESTA BATEKOO

De uma confraternização pequena iniciada em Salvador, a festa independente que hoje move e faz parte das vivências de milhares de pessoas negras Brasil afora, deu origem à idealização de uma festividade carregada de muito ritmo e *afrobeat*. No ritmo do bar e das pequenas celebrações, o espaço começou a ficar pequeno para uma comunidade cheia de vontade de ganhar o mundo, hoje presente nos maiores centros urbanos brasileiros e identificado como um movimento - não apenas uma festa, a organização enfrenta impasses na sua execução, com a identidade da marca em jogo pelo cancelamento da geração tombamento a cerimônia de origem baiana conseguiu se afirmar e driblar o questionamento com muito axé.

Passada a dúvida posta para a comunidade negra, que começava a se posicionar com mais afinco enquanto movimento político e cultural, a identidade negra e a LGBTQIAP+ abrigada pelo movimento foi o combustível que a festa encontrou, atualmente, tem patrocínios de marcas globais, mas mantém a sua articulação como evento independente.

FIGURA 11 - TRIO ELÉTRICO BATEKOO



FONTE: INSTAGRAM BATEKOO

As primeiras movimentações Batekoo começaram em 2014, logo após as manifestações de 2013, sem a pretensão de ganhar a aprovação da comunidade ou do mercado. No entanto, entre essas confraternizações - que inerentemente festejavam a vivência de públicos subalternos, não contemplados pelas casas de show no centro baiano de Salvador - é importante salientar que é a cidade com mais pessoas negras fora do continente africano, tomou o Brasil. Nas trocas e diálogos com o seu público fiel, o projeto protagonizava a presença de pessoas negras, que consomem e participam dinamicamente do projeto. Para entendermos como essa falta de acolhimento acontece, numa cidade totalmente negra, podemos tomar o que Lélia tece:

Dois fatores principais, ambos relacionados à estrutura desigual de oportunidades de mobilidade social depois da abolição, podem ser identificados como os determinantes das desigualdades raciais contemporâneas no Brasil: a desigual distribuição geográfica de brancos

e negros e as práticas racistas do grupo racial dominante.
(GONZALEZ;HASENBALG, 1982, p.90)

Ainda que haja iniciativas independentes como ação para valorização dos grupos minorizados, é válido ressaltar que os movimentos sociais exercem papel fundamental reclamando e constituindo espaços para potencializar esses sujeitos frente aos questionamento levantado, os autores discorrem que o lugar da vivência negra ainda sofre as dores do sistema excludente. Assim como a formação do Movimento Negro Unificado contra a discriminação racial no Brasil, a movimentação do grupos estudantis de 2013 no Brasil escancarou a urgência de práticas mais inclusivas - não só na vida profissional dessa comunidade, mas também nos lugares dotados de celebração.

A iniciativa do projeto surgiu das pessoas que já integravam as rodas das noites baianas e do inconformismo dessas festas - por estarem sempre reforçando a comunidade branca, ainda que a maior parte da população não fosse essa. Junto disso, as pessoas que não participavam desse estereótipo validado e, por isso, passavam a ser preteridas nesses ambientes.

O nome da festa surge como uma forma de celebração das danças e comunidade negra, Batekoo, representa não apenas a dança com o quadril, mas também as mazelas vividas pela comunidade em terras brasileiras, que estão dispostas às margens sociais que os colocam nas periferias. O movimento se expandiu em São Paulo em 2015, e está presente no Rio de Janeiro, Recife e Salvador com mestres de cerimônia, dançarinos, cantores e figuras políticas que assumem o papel de influenciadores. Além disso, a festa também conta com um selo artístico e projetos educacionais voltados para comunidade LGBTQIAP+.

Entre coincidências, encontramos uma semelhança no próprio nome da festa Batekoo com um ritmo erótico presente nas rodas de samba o 'bate-baú mais antigas':

[...] Nesta modalidade de samba, as negras dançavam aos pares, um de cada vez. E, inclinando o busto para trás, as pernas arqueadas, uniam o baixo-ventre, produzindo um ruído igual ao de uma caixa de madeira que se fechasse de vez. Tudo no ritmo do samba. Os visitantes estrangeiros na Bahia oitocentista deixaram inúmeros documentos sobre a natureza erótica da roda de samba e do requebrado das mulheres.
(RISÉRIO, 1993, p.90-93 apud POMPEU, 2008, p.55)

Assim como nas danças de roda que acontecem na cerimônia atual, as mulheres se dispunham nas rodas de samba, elas também eram carregadas de gingado e muito som, a diferença é que antes essa modalidade ficava restringida às, eram elas as responsáveis pela dança.

Arthur Santoro, um dos produtores culturais do evento, comenta que na cidade de São Paulo o preço do ingresso passa a ser algo decisivo na escolha do divertimento¹⁰. Como os custos da Rua Augusta, por exemplo, são bastante seletivos desde o seu preço - que não é nada acessível - até à seleção das atrações das casas noturnas que não representam o público negro, essas pessoas escolhem estar em lugares mais específicos, por isso, quando os espaços em que a festa acontece é distante, são disponibilizadas peruas e carros gratuitos para que a comunidade possa acessar a confraternização.

Ademais, partimos para uma observação em que o movimento se inicia nas redes sociais, desdobrando-se na comunicação dos eventos até o seu final, no pós-evento. Nessas peças de comunicação é possível verificar a existências de corpos negros utilizando adereços da identidade brasileira, valorizando a mobilidade do corpo negro, as roupas carregadas de estilização, além da estética mais desviante. Abaixo estão exemplos dessas peças iniciais que refletem a experiência prometida ao público frequentador e participante do movimento que está presente em diversas cidades brasileiras:

¹⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SmZvw-FMs78&t=57s>. Acesso em: 20 ago.2022.

FIGURA 12 - DIVULGAÇÃO BATEKOO RJ



FONTE: INSTAGRAM BATEKOO

FIGURA 13 - DIVULGAÇÃO BATEKOO SANTOS



FONTE: INSTAGRAM BATEKOO

Como elemento principal verifica-se um ambiente escuro e carregado de rodas de dança, em que o próprio público passa a ser a atração, aproximando os frequentadores e os integrando como parte do evento. Fica explícito que a organização da festa se importa com as vivências dos participantes dessa luta a ponto de torná-las parte das atrações principais, ademais, a comunicação marcária que faz o uso dessas performances configura o papel da estética transgressora - isso por fugir de padrões habituais. É com a estética emprestada dos bailes de dança de Harlem nos Estados Unidos e que funcionou como um elo para acrescentar à luta de corpos dissidentes presentes nessa festa que a marca baiana se posiciona. A estilização das peças de roupa curta possibilitam o movimento dos dançarinos, que é um dos traços mais disseminados na irmandade Batekoo. As cores mais evidentes nas peças são o preto, que estampam os corpos dotados de ancestralidade com a melanina presente na pele que atua em sintonia com o vestuário de peças sóbrias, a fim de valorizar a performance executada.

A posição corporal dos dançarinos na foto evidencia a presença artística do evento, democratizando acessos ao fervoroso palanque popular, que acontece no chão em que todos ocupavam o mesmo espaço - assim, podemos inferir que para participar do espetáculo basta conseguir se expressar através dos movimentos. Essas posições corporais também conferem certa vulnerabilidade, já que é uma colocação de julgamento frente ao público que passa a observar as danças. O espetáculo reverte-se na pista para compor quadros de aptidão e alongamento corporal, isso em constante interação com o chão - um lugar que por natureza carrega o senso comum de configurar-se como um ambiente isento de limpeza. Ou seja, na subversão dos elementos se estabelecem possibilidades que estão ao alcance popular, somado à democratização dos estabelecimentos acessíveis que estimulam a confraternização.

Para contextualizar a análise tomemos que em 1920 e 1930, no Harlem, começou um movimento cultural substancialmente negro, hoje conhecido como *Harlem Renaissance*¹¹. Com muitos de seus líderes sendo gays, lésbicas ou, como consta nos registros, com sexualidade fluida, esse movimento influenciou a organização de uma

¹¹ Disponível em: <https://houseofraabe.alboompro.com/post/46681-culturaballroom>. Acesso em: 20 out. 2022

cultura LGBTQIAP+ negra, que se tornou vívida na região.

Um fato relevante para análise, é que o público majoritário da comemoração é composto de mulheres negras, 70% do total é feito por elas¹², não é à toa que a feminilidade dos bailes de *ballroom* - que começou com o público feminino no continente norte americano, reflete parte da divulgação da atual da cerimônia, que também conta com corpos LGBTQIAP+. É sob o comando da frase seguinte, que o público vai para a pista:

"Respeita as minas, respeita as mona, respeita as mana, respeita as trans e travestis, respeita as gordas, respeita as pessoas com deficiência, e acima de tudo, independente de quem você é, respeita os pretos. (ABERTURA RODAS DE DANÇA, BATEKOO).¹³

O chamado direciona a abertura - que acontece ali mesmo na pista, dando palco a talentos múltiplos que alocam seus esforços com rimas, performances e danças. A partir desses elementos que compõem parte da estética, é perceptível inferir que os estereótipos de uma sociedade higienista, são colocados em questão, aqui ele funciona como uma espécie de afirmação para a comunidade, que se joga, rola e o toca o chão dentro de suas exhibições.

Para ampliar sua essência enquanto movimento independente de luta coletiva e aberta, a festa beneficia diversos agentes ali presentes, contribuindo com as marcas e os produtos, que potencializam sua voz. Assim, é justificável que o aparecimento de marcas esteja associado ao reclame social e cultural, uma vez que para existirem enquanto movimento, é necessário o suporte de grandes marcas colaborando com a organização.

A estética tribal dos ícones escolhidos na arte remetem a transgressividade do evento, lotado de batidas pesadas, bebidas e muita cultura negra - o divertimento em si, retoma que esses corpos também podem se divertir e que nossa vivência não existe só para o sofrimento. A própria estética endurecida das fontes - sem manipulação qualquer, e as cores de impacto. também enfatizam essa característica

¹² Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=I6vB-UCIIpE>. Acesso em: 20 out. 2022.

¹³ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CeKaFiYgVAE/?hl=en>. Acesso em: 20 out. 2022.

presente na existência das pessoas que integram o movimento. Ou seja, a agressividade é parte do cotidiano negro, já que em múltiplos momentos precisamos nos afirmar para poder tomar nossos lugares, ser educado nem sempre é uma opção.

Na mesma direção aparecem as fotografias postadas nas redes sociais da página, é utilizando a celebração dessas existências, que ocorre a assimilação aos rituais de matrizes afro-brasileiras, em que as rodas de samba sempre fizeram parte acompanhadas de batuques únicos.

O samba de roda surgiu na Bahia, ele é patrimônio e herança cultural da cultura afro-brasileira.¹⁴ Esse estilo está intimamente relacionado à roda de capoeira, que envolve música, lutas, orixás e entidades espirituais africanas. Tudo isso em diálogo com a mensagem que o grupo carrega: "A gente não quer ser assistido, a gente quer se assistir"¹⁵, destacado em todos seus perfis nas mídias digitais.

FIGURA 14 - POSTAGEM FESTA BATEKOO SSA



FONTE: INSTAGRAM BATEKOO

¹⁴ Disponível em:

<https://www.todamateria.com.br/samba-de-roda/#:~:text=O%20samba%20de%20roda%20surgiu,aos%20orix%C3%A1s%20entidades%20espirituais%20africanas>. Acesso em: 20 set. 2022.

¹⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/batekoo>. Acesso em: 20 set. 2022.

Na imagem identificamos algo semelhante às rodas de samba, que são uma atração da festa, posicionando o grupo como os maiores agentes do evento centralizados nela, sempre dispostos com seus corpos à mostra e movimentos certos que recebem aplausos do público - entre eles mulheres e homens trançados, vestidos de estampas étnicas que remetem ao continente africano e cortes de cabelo que também traduz códigos afro brasileiros. Mostra-se uma herança cultural dotada de saberes, em que há a consciência e valorização da sua ancestralidade, despertando um senso de comunidade não tão visto em outras confraternizações brasileiras.

Após o período pandêmico no Brasil a cerimônia reuniu mais pessoas que o esperado e contou com performances que também reforçam a cultura africana, claro que com uma contribuição cheia de costumes brasileiros, em consonância com as batidas atuais de funk nacional acelerado. No geral, as roupas e acessórios compõem o cenário com cores vibrantes, peças curtas e customizadas.

FIGURA 15 - POSTAGEM FESTA BATEKOO SSA



FONTE: INSTAGRAM BATEKOO

Partindo para outro registro retirados do evento, fica perceptível que a estética é levada à risca pelo público, que faz o emprego de peças mais simples, ainda que dotadas de estilo. E ao mesmo tempo em que a comunidade está atrelada a um vestuário mais comum, cada um se expressa diferentemente nas subjetividades, compondo peças únicas e sendo alvo dos holofotes que irão ser repassados como um ato de resistência dessas festas nas redes sociais.

Essa customização aqui tratada é observada em vários momentos, resgatando signos pertencentes à comunidade preta, mas também naquelas que transpassam a midiaticização das grandes marcas de tendências. Na figura acima é possível identificar o logotipo da marca americana *Bad Boy* - que teve grande presença no Brasil, mas que nem todos tinham acesso, mas hoje com a marca norte-americana tem menor visibilidade, é possível empregá-la no vestuário popular. Assim como outras peças que passam a fazer parte das narrativas individuais, integrando o guarda-roupa dos agentes do movimento.

4.4 FESTA CARLOS CAPSLOCK

Assim como a Batekoo, a festa Carlos Capslock começou entre amigos e se expandiu após o experimento colher uma boa aceitação no circuito das festas contracultura. A cidade multifacetada é palco do evento desde 2010¹⁶, mas tomou grande proporção após alguns anos, condensando culturas, gêneros, vivências sociais e gostos específicos durante as noites e dias de São Paulo. Em entrevista, seu fundador Paulo, discorre como surgiu a ideia:

“Eu tinha ganhado uma grana da rescisão do contrato do meu antigo emprego e resolvi comprar uns toca discos e começar a tocar em festa.” (VICE, 2015).

Fica notável a relação dessa festa com um rompimento de mercado, ela surge de uma

¹⁶ Disponível em: <https://www.vice.com/pt/article/vvk7j3/quatro-anos-da-festa-carlos-capslock>. Acesso em: 20 set. 2022.

quebra contratual do idealizador com o mundo dos negócios, isso ressalta o viés de valorização artística, de ocupação e de festa independente identificado nessa organização. Abaixo está o local em que o fundador inaugurou sua carreira.

FIGURA 16 – EDIFÍCIO RUA 07 DE ABRIL



FONTE: DESCONHECIDA

O fundador reforça em entrevista que sua primeira organização festiva aconteceu já num ambiente público, o antigo Masp, na Rua 7 de abril em São Paulo, sintetizando o que a festa é hoje.

O idealizador da Carlos Capslock, Paulo, também conhecido como Tessuto, afirma que o público frequentador da festa não está ali apenas pelo entretenimento, mas pela diversão e pelo conhecimento da articulação como um todo. Eles sabem quem são os dj's, performistas, atrações, e o propósito da festa, então é como se fosse uma casa para eles. Ele também pontua o viés artístico empregado nessas cerimônias - que sempre traz coletivos plurais, subvertendo a ideia do senso comum de que todos devem ser iguais ou que essas atrações precisam seguir um mesmo rumo para se efetivar, o que acaba por selecionar os frequentadores mais interessados nessa cena inclusiva.

FIGURA 17 - FESTA CARLOS CAPSLOOCK



FONTE: ALATAJ

Na figura, o criador da festa opta por um colete de plástico transparente que remete a um universo futurístico, e que conversa com a proposta da cerimônia de dar uma nova configuração para essas festas paulistanas. A composição do vestuário dele também conta com a presença de algumas pílulas inseridas na peça, podemos inferir que dentro do caos em que a cidade está colocada é preciso tomá-las para mantermos o nível de sociabilidade e estabilidade - isso associando a figura ao corpus aqui analisado. Esses remédios estão inseridos em lugares estratégicos, se o colete não fosse transparente seria quase impossível notarmos a presença deles, já que eles não estão na parte externa da peça, disso, muito podemos relacionar aos entorpecentes presentes nas festas mais jovens que pretendem os tirar da realidade.

Ademais, a sua maquiagem - que é comumente associada pela sociedade ao universo feminino, confere uma liberdade de expressão que o artista prega desde a idealização do movimento. A blusa interna também configura parte desse universo, isso conjunto com o seus brincos, um tubular neon, que remete aos elementos utilizados

para iluminar o ambiente festivo e outro que é, literalmente, uma cartela de medicamento. De fato, há uma linha tênue entre os organizadores de festas de rua, que nem sempre é compreendida por aqueles que não integram esse circuito ou apenas por não estarem a par com a comunicação do movimento..

FIGURA 18 - FESTA NO MINHOCÃO, SÃO PAULO



FONTE: O QUE É NOSSO - RECLAIMING THE JUNGLE

A interação com os ambulantes, moradores de rua e com a própria rua dá forma ao evento, que orchestra os mais diferentes pedidos de música numa forte ligação com o seu público aleatório. A caixa de som e a controladora dispostas na mesa em que o som é ampliado montam um ritual, direcionando aos dj's um lugar de centralidade, no entanto, eles estão numa posição mais acessível do que costumamos observar os artistas, ali no mesmo nível e com vestimentas não muito especiais. A troca com o ambiente aberto possibilita uma experiência mais sinestésica estimulando olhares possíveis pela clareza, assim também acontece pela presença do vento natural da cidade, em contraponto, com o ambiente dos clubes - ainda que a estrutura ritualística seja a mesma, o público tende a se circular livremente com as suas rodas, por já conhecerem o lugar que é público.

É claro, dentro de uma má percepção acaba-se por resumir essas organizações que acontecem em lugares coletivos, ao barulho que é feito por eles na rua ou ao incômodo despertado por aqueles que pretendem descansar, mas esse não é objetivo. Pelo contrário, esses lugares ociosos acabam por cooperar com a máquina mercantil quando inutilizados, excluindo vidas que também têm o direito de ocupar aqueles

espaço, isso identifica tais articulações muito mais como um movimento do que um simples ato de baderna

Tessuto amplia um caso real acontecido no Minhocão em São Paulo, no documentário *O QUE É NOSSO - RECLAIMING THE JUNGLE*¹⁷, ele explica que um morador acionou a polícia por conta do barulho, quando organizava uma festa nesses espaços, a justificativa era que o cidadão tinha apenas um dia de descanso e que o barulho estava o atrapalhando a pegar no sono. Mas para Paulo, a maior problemática estava em não executar a festa, já que ela pretende acessibilizar o evento para o público que não tem condições de estar em clubes e lugares em que as festas acontecem. Nesse caso os interesses convergem e tendem a beneficiar quem detém maior poder de aquisição pelo seu poder de escolha. No mesmo documentários os artistas e produtores comentam sobre a *VoodooHop*, que começou como uma festa e hoje é um festival que detém um selo de música como produto, ela costumava junto de outros coletivos ocupar o Minhocão no centro de São Paulo - já que o lugar fica fechado aos domingos e, geralmente, não conta com nenhuma atração incentivada pelo governo, então os coletivos se organizavam para mobilizar e ocupar o espaço.

Somado a essa articulação de ocupar espaços públicos, outro exemplo que nos ajuda a compreender o movimento tomador de locais inutilizados, é o que acontecia no “Buraco da Minhoca”. O espaço é localizado também no centro de São Paulo e ficava totalmente ocioso durante alguns horários. Por vezes a festa se mobilizou para organizar eventos ali, no entanto, na maioria das tentativas essas organizações eram cessadas pela polícia. Hoje não é mais possível que aconteça a realização de eventos no ambiente, já que portões foram instalados após queixas de barulho dos moradores que vivem nos arredores da megalópole brasileira, que por sua própria dinâmica de centro urbano configura um lugar com bastante barulho.¹⁸

¹⁷ Disponível em: <https://vimeo.com/112955569>. Acesso em: 13 out. 2022. Acesso em: 09 set. 2022

¹⁸ Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/portao-tunel-praca-roosevelt-buraco-da-minhoca>.

Acesso em: 11 set. 2022.

FIGURA 19 - BURACO DA MINHOC A EM SÃO PAULO



FONTE: O QUE É NOSSO - RECLAIMING THE JUNGLE

Nessa figura pode-se observar luzes dentro túnel, elas são a principal fonte de iluminação do evento, que aconteceu dentro do Buraco da Minhoca, a aglomeração passa uma sensação de coletivo e de que todos inseridos ali estão por uma opção em comum e pelo conhecimento da ocupação, ou seja, essas pessoas podem escolher entre escolher acessar ou não a festa. O lugar cercado de paredes traz uma sensação de proteção urbana - ainda que esse ambiente não tenha sido projetado para este tipo de evento, agora aquele espaço abriga esse sentido de confraternização. A escuridão acrescenta à sensação de um clube de festas, concomitante a batida sonora era ampliada pela disposição do túnel.

A inutilização do “Buraco da Minhoca” coincide em diversas instâncias com os outros ambientes de festas independentes aqui analisados. A execução desse festejo num lugar em que os carros passam durante o dia é configurada por um ambiente sujo e preenchido de rastros de veículos, afastando por essa condição quem pretende e tem o poder financeiro para garantir o seu divertimento em um lugar mais limpo, e ao mesmo tempo aproxima pessoas que são marginalizadas pela sociedade e não tem poder aquisitivo.

Mais um ambiente que já recebeu a festa independente foi o Cine Marrocos¹⁹, uma antiga sala de cinema inutilizada há mais de 20 anos, localizada no piso térreo de um prédio de escritórios com 12 andares, e que foi ocupado pelo MTST (Movimento dos Sem Teto de Sacomã) por mais de 400 pessoas. Entre elas imigrantes latino-americanos e refugiados africanos em 2013, isso após a sua desativação em 1994 e sua desapropriação pela prefeitura de São Paulo em 2010.²⁰

FIGURA 20 - FESTA CARLOS CAPSLOCK NO CINE MARROCOS



FONTE: O QUE É NOSSO - RECLAIMING THE JUNGLE

Na figura é possível observar a presença de um palco, à frente temos uma estrutura de metal repleta de panos preenchidos por estampas e algumas luzes, que reforçam o sentido artesanal valorizado pelo evento. A multiplicidade de cores soma-se aos grafites do ambiente que são associados a uma expressão urbana, o lugar é bastante sóbrio em sua composição, então esses artefatos são dispostos para quebrar com essa

¹⁹ Disponível em: <https://vimeo.com/112955569>. Acesso em: 13 out. 2022. Acesso em: 09 set. 2022.

²⁰ Disponível em: <https://www.terra.com.br/diversao/entre-telas/cine-marrocos-retrata-ocupacao-em-cinema-historico-de-sp,588ad7bb675725a7f2dcf1eaa90fd09dhgffgg6s.html>. Acesso em: 11 set. 2022.

estrutura e associar-se à identidade desviante do evento. De certo modo, tudo parece meio improvisado, e não seria diferente pelo próprio movimento de ocupação da festa.

Num comum acordo entre os moradores do local e os organizadores das festas independentes - Carlos Capslock e Mamba Negra, que metade do do dinheiro arrecadado era revertido como doação para biblioteca do cinema ou em próprio dinheiro para o incentivar à luta pela moradia no centro urbano. A iniciativa de criar uma biblioteca subverte e realoca os sujeitos vulneráveis ao sistema excludente, em contraponto ao que é exigido nas bibliotecas comuns, em que é preciso registro para alocação de livros. Aqui é importante retomarmos que grande parcela residente do Cine Marrocos é imigrante e não tem os documentos necessários para essa realização. Nesse contexto, os frequentadores da festa acabam não somente por ocupar lugares que lhes foram tomados pelo governo, mas os colocando no contexto de luta e reivindicação popular.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observadas as análises e o contexto das festas independentes examinadas - em conjunto dos atrelamentos aos grupos minoritários e a luta ocupante urbana, temos as orientações para uma discussão direcionada.

É a partir da inteira exploração bibliográfica desenvolvida ao longo dessa pesquisa, que deparamo-nos com uma sociedade dotada de crenças e defesas. Esse fenômeno é percebido, a partir de estudos colocados pela base bibliográfica escolhida - Heller (1970), Martín-Barbero (2004), Perez (2004), Santaella (2003) e González (1983) - para cruzar informações sobre a dimensão de consumo dessas cerimônias. Ainda que os estudiosos não direcionem uma mesma percepção e abordagem nos seus estudos, eles levantam discussões cabíveis dentro da análise e aqui se complementam. Por conjectura, poderíamos ter inúmeras outras conclusões a respeito das motivações que associam as festas independentes como um desdobramento dos ideais e lutas vigentes fortalecidas pela sua estética desviante.

Podemos concluir que existem usos conscientes das formas de consumo que são atravessadas por estereótipos, e por isso enfrentam impasses sociais - ainda que, como já vimos até aqui, os estereótipos não estão sempre ligados aos aspectos negativos. De início, temos que a técnica de mercado englobada pelas organizações dessas festas independentes pertence à dinâmica de novo consumo, entretanto, têm sustentação em bases reivindicatórias. Portanto, é um produto cultural pensado e elaborado para se tornar parte das vivências modernas como um ato de luta e inclusão.

Na contemporaneidade, as festas mais comuns do mercado configuram-se com um teor eminentemente comercial, elas preocupam-se mais com a venda, repercussão e sua influência midiática, que extrapolam o alcance do seu público ingressante para integrar um sistema menos progressista, ademais, voltado ao próprio mercado. Isso fica verificado nas suas próprias execuções - em que o vínculo auto beneficente é a maior preocupação. Nessa linha, os estereótipos e as representações sociais que eram elemento de construção comunicativa são reafirmados na abordagens comunicacionais desses eventos, desdobrando-se para o campo social.

Diferentemente, ao passo que estamos inseridos num recorte temporal em que

as lutas sociais presentes nessas festas independentes passam a ser um produto mercantil, as articulações dessas cerimônias encontram-se amparadas pelas abordagens modernas do consumo, mas ainda assim elas são em sua unicidade fidedignas na sua existência e propagam elos sociais, que mostram-se mais amplos do que meras técnicas de apoio para sustentação das marcas.

É importante um apontamento acerca dos recursos publicitários empregados na comunicação dos eventos autogeridos e menos comerciais. Ainda que evidente, até mesmo o mecanismo mais moderno de mercado baseia-se nas estratégias históricas da publicidade - claro, com adaptações à época em que são executadas, isso para efetivar tais narrativas - mas ao mesmo tempo essas reconfigurações contribuem para a continuação das mesmas dinâmicas, que agora estão atualizadas.

Uma descoberta é que, enquanto a comunicação das festas comerciais se utiliza de abordagens externas a elas para atingir e efetivar seu público, as festas independentes utilizam-se de si mesmas. A estética desviante do seu coletivo, constrói o produto de comunicação propagado pelas organizações independentes e também o produto a ser consumido, sem precisar fugir desse universo. É através dela, que garantem-se, numa totalidade, os eventos que se valem de si mesmos para mediatizar suas produções, construindo universos preenchidos de veracidade em sua comunicação, e assim ignorando execuções mais capciosas. As inúmeras instâncias em que os palcos são parte da pista e vice-versa, traduzem a autenticidade de uma luta coletiva que continua fora do palco. Tal estética é o fomento e impulsionamento de comunicação para efetivar sua reivindicação coletiva.

Retomadas as verificações do terceiro e quarto capítulo, nos deparamos com um corpo nacional ávido por representações e senso de pertencimento, que façam sentido dentro da realidade identitária e social brasileira, e tendem a credibilizar as táticas menos curvilíneas. A identificação com as organizações que mostram-se mais reais e que beneficiem o corpo social, como por exemplo, as que tangem o movimento de ocupação dos espaços não excludentes, os movimentos artísticos e a luta pelos direitos de escolha passam a assumir mais contribuição social, isso em detrimento dos eventos pagos menos beneficentes. Por conseguinte, tal raciocínio pode estar vinculado ao reflexo do que ocorreu na história de eventos populares, que constituem há

tempos um caráter nacional, como carnaval de rua, que movimenta a população pelo seu dinamismo e execução - mas assim como as articulações autogeridas também não estão dissociados do mercado.

De fato o consumo da internet e as lutas anteriores moldam a essência das novas reivindicações feitas nas vivências desse coletivo, ou seja, como pontua Gonzalez (1982) é no entusiasmo com o público eminentemente negro e jovem, que realmente nos damos conta do que ocorre com eles. Concomitante ao avanço tecnológico, também ocorre a evolução dos ideais das pessoas que estão presentes nessas redes sociais possibilitadas pela internet. Agora as manifestações acontecem num diálogo com as organizações que se dispõem lá, é isso que aguça questionamentos e ao mesmo tempo polariza, a sociedade em que vivemos. Mas é adotando otimismo que podemos enxergar a amplitude dessas informações dispostas como solução de problemas reais - ainda que nem todos estejam abertos a ouvir, agora é no digital que se efetivam laços entre os agentes de mudança distantes, inserindo-os na reformulação do sistema de consumo. Já dentro de uma esfera autônoma e independente, os participantes dos movimentos autogeridos passam a ter mais controle do final, por que são todos guiados por um interesse em comum, a manifestação artística e a luta social - ainda que num todo a sua interpretação seja fragilizada e menos notada pela sociedade.

A divergência de interesses e realidades das festas independentes e comerciais, passa a se retroalimentar, ainda que não estejam dispostas no mesmo circuito. É na experimentação de diferentes ambientes, tidos por muitos como esquisitos, que os sujeitos conferem possibilidades de existir e de se diferenciar dos demais. A configuração de uma não aceitação abre portas que jamais estariam abertas. No entanto, mostram-se desumanas e os colocam como nômades, pela busca de um pertencimento que ainda está longe de ser efetivado e, que segue a todo vapor independente dos obstáculos que nos são postos.

Pela estética desviante que potencializa o movimento interno, o estranho nos faz ser enxergado, ainda que seja difícil desassociar as duas coisas, agora não estamos mais falando de vivências, mas sim de um movimento dotado de práticas contraculturais que potencializa as dinâmicas internas de um sistema para serem

equivalentes as mais aceitas. Para isso, utilizando-se de sua possibilidade internas de execução crítica e diferenciada, em que a atenção agora está voltada para esse estranho - em suma, o movimento é de dentro para fora e não de fora para dentro, como por exemplo, a visibilidade que as organizações privadas dão para as comunidades externas não privadas, apenas conscientiza de suas existências, mas não os coloca como parte decisiva em suas conduções.

Por fim, outra fragilidade descoberta está no paradoxo de serem marcas atreladas ao movimento reivindicatório, enquanto festa independente, no entanto que se utilizam de técnicas de mercado, e também está repleta dele na sua configuração - elas patrocinadas por instituições privadas e constituem nos seus esforços atributos de uma marca de mercado.

5. REFERÊNCIAS

ARAUJO, M. #PotênciasNegras 09: BATEKOO. **Canal Muro Pequeno**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=l6vB-UCIIPe>. Acesso em: 20 out. 2022.

BATEKOO. Abertura de Roda. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CeKaFiYgVAE/?hl=en>. Acesso em: 20 out. 2022.

DE FREIXO, A. Conheça a história do samba da Império Serrano que desafiou militares em 1969. **Brasil de Fato**. Disponível em: <https://www.brasildefatorj.com.br/2018/02/09/conheca-a-historia-do-samba-da-imperio-serrano-que-desafiou-militares-em-1969>. Acesso em: 07 ago. 2022.

DIANA, D. Samba de Roda. **Toda Matéria**. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/samba-de-roda/#:~:text=O%20samba%20de%20roda%20surgiu,aos%20orix%C3%A1s%20entidades%20espirituais%20africanas>. Acesso em: 20 set. 2022.

DEODORO, J. Portão é instalado na entrada de túnel para coibir “Buraco da Minhoca”. **Veja São Paulo**. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/portao-tunel-praca-roosevelt-buraco-da-minhoca>. Acesso em: 11 set. 2022.

EXAME. Disponível em: <https://exame.com/brasil/o-ano-em-que-o-gigante-acordou>. Acesso em: 07 out. 2022

FESTAS POPULARES BRASILEIRAS COM LUIZ ANTONIO SIMAS | ProEnem. **ProEnem - Enem 2022**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_jZgCFhnu30.%20Acesso%20em:%2010%20nov.%202022. Acesso em: 10 nov. 2022.

GONZÁLEZ, Lélia. Festas populares no Brasil. Rio de Janeiro: Index, 1987.

GONZÁLEZ, Lélia. O Lugar do negro. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

JEZMO; MURILO; ALLYSON. O QUE É NOSSO - Reclaiming the Jungle. **CANAL FODAO UNLIMITED**. Disponível em: <https://vimeo.com/112955569>. Acesso em: 13 out. 2022. Acesso em: 09 set. 2022.

MAINGUENEAU, Dominique. Análise de textos de comunicação. São Paulo: Cortez, 2002.

MAMBA NEGRA. Mamba Negra 08 anos. **Canal Mamba Negra**. Disponível em: https://youtube.com/channel/UCOJ2F0Ohu9H_ZDEJCrjSzwg. : 20 set. 2022

MAMBA NEGRA. Sobre Nós. **Site Mamba Negra**. Disponível em: <https://mambanegra.org>. Acesso em: 20/10/2022. Acesso em: 20 set. 2022.

MARTÍN-BARBERO, Jesús; REY, Germán. Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva. 2ª edição. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

MASCARENHAS, A. Quatro Anos da “Esquizofrênese” da Carlos Capslock. **VICE**. Disponível em: <https://www.vice.com/pt/article/vvk7j3/quatro-anos-da-festa-carlos-capslock>. Acesso em: 20 set. 2022.

MUNDO EDUCAÇÃO. A prática carnavalesca do entrudo. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/carnaval/a-pratica-carnavalesca-entrudo.htm>. Acesso em: 20 ago. 2022.

OLIVEIRA, A. Capoeira transformada em patrimônio cultural põe em risco sua identidade. **AUN - AGÊNCIA UNIVERSITÁRIA DE NOTÍCIAS**. Disponível em:

<https://aun.webhostusp.sti.usp.br/index.php/2018/12/03/capoeira-transformada-em-patrimonio-cultural-poe-em-risco-sua-identidade>. Acesso em: 10 out. 2022

PEREZ, Clotilde. Signos da marca. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

POMPEU, Bruno. **A GENTE FAZ O QUE O CORAÇÃO DITA**. ANÁLISE SEMIÓTICA DAS CAPAS DOS DISCOS DE DORIVAL CAYMMI. São Paulo. 2008.

POMPEU, Bruno; PEREZ, Clotilde. Moda mimética, desviante e criativa: em busca da secundidade perdida. de Signis, v. 32, n. 1, p. 49-61, jan./2020. Disponível em: <http://www.designisfels.net/revista/32/designis-i32p49-61.html>. Acesso em: 28 ago. 2022.

RISÉRIO, Antonio. Carnaval Ijexá. Corrupio. 1981.

RISÉRIO, Antonio. Carnaval: as cores da mudança. Afro-Ásia, Salvador. 1995
Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/20848>.
Acesso em: 20 out. 2022.

SANTAELLA, L. O que é semiótica? v. 1. **EDISCIPLINAS**. PRIMEIROS PASSOS PARA A SEMIÓTICA, 1983. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/419335/mod_resource/content/1/oquesemiotica-luciasantaella-130215170306-phpapp01.pdf. Acesso em: 2 ago. 2022.

SANTAELLA, Lucia. Semiótica aplicada I Lucia Santaella. - São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

SCHERER-WARREN, I. MANIFESTAÇÕES DE RUA NO BRASIL 2013: encontros e desencontros na política. CADERNO CRH, Salvador. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccrh/a/Gms8JdT866XVMzqKLHYJSrB/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 20 out. 2022.

STARLLES, W. Manifestações de junho de 2013: relembre os fatos importantes. **Guia do Estudante.** Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/manifestacoes-de-junho-de-2013-relembre-os-fatos-importantes>. Acesso em: 05 nov. 2022

TEIXEIRA, L. Cine Marrocos retrata ocupação em cinema histórico de SP. **Entre Telas.** Disponível em: <https://www.terra.com.br/diversao/entre-telas/cine-marrocos-retrata-ocupacao-em-cinema-historico-de-sp,588ad7bb675725a7f2dcf1eaa90fd09dhgffgg6s.html>. Acesso em: 11 set. 2022.

VINICIUS, G. Documentário Batekoo. **Canal Gabriel Vinicius.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SmZvw-FMs78&t=57s>. Acesso em: 20 ago. 2022.